

Pe. Boleslaw Micewski CR



**SOB O
ESTANDARTE
DO RESSUSCITADO**

NAÇÃO-MÃE E NAÇÃO-IDEIA

A Polônia e nós formamos unidade. O nosso amor está lá, também a nossa esperança – em 14 de outubro de 1832, escreveu Lamennais para Montalembert, isto é, um ano após a derrota da Insurreição de Novembro e dois meses depois da publicação da encíclica de Gregório XVI: *Mirari vos*, condenando a doutrina de Lamennais e seus adeptos, como também a *Avenir*, quer dizer, no momento quando, para a Polônia e para Lamennais, parecia tudo acabado.

Esse enigma pretende esclarecer Gaston Bordet no seu ensaio histórico: *La Pologne, Lamennais et ses amis, 1830-34* (Paris 1985). Analisando, por um lado, a situação histórica da Polônia, nos anos de 1815-31, sua posição humilhante, e, depois, o levante de novembro, e, em consequência, as seguidas repressões; por outro lado, a relação da *Avenir* com a Polônia e a história de Lamennais, nos anos 1832-34, ele chegou à conclusão que, para este último, a Polônia era como uma encarnação de mito, um fenômeno e embrião de um único sistema social, que o satisfazia e a seus amigos; do catolicismo liberal, ou antes, da liberal democracia teocrática, síntese de tradição e revolução, da ordem e liberdade, de Deus e do povo, da religião universal e das crenças étnicas, do martírio e da salvação, da teologia e antropologia.

Lamennais percorrera por um longo caminho, que o conduziu desde a postura de um teórico da teocracia até chegar a ser redator do *Conservateur* (1819), autor das *Affaires de Rome* (1836), *Livre du Peuple* (1838) e *L'Esclavage moderne* (1839), ou seja, a ser o mais fanático propagandista da democracia leiga. O caminho levava-o pela Polônia. Esse itinerário era histórico, político, diplomático, intelectual e religioso. Ligava Paris com Varsóvia e passava por Roma. Analisando as ações e os pronunciamentos de Lamennais, Bordet concluiu que a principal e imediata causa do seu rompimento com a Igreja tenha sido o breve do Gregório XVI, de julho de 1832, que condenou a Insurreição de Novembro. No

entendimento, de Lamennais o Papa se opôs à “teocracia liberal e popular”, ou à “democracia católica”, proclamada pelas pessoas profundamente religiosas, patriotas e liberais, crentes, tanto sobre o Vístula quanto sobre o Sena, e que a realização de suas esperanças viesse do Bispo de Tibre e não do carrasco de Moscou.

O grupo de pessoas unidas pela amizade de rara beleza, sacerdotes e aristocratas, pobres emigrantes e ricos proprietários, como também poetas sem meios de subsistência, tem construído o monumento de esperança mítica e escreveu comunitariamente uma das mais belas cartas da história dos contatos intelectuais, religiosos e sentimentais entre a França e Polônia. Também da história da religião e da poesia da humanidade, pois se conservaram duas obras-primas *Ksiegi Narodu i Pielgrzymstwa polskiego*, de Mickiewicz e *Paroles d'un croyant*, de Lamennais.

O encontro fundamental, o cruzamento dos caminhos polono-franceses, como também a recíproca influência entre estes escritores aconteceu, antes de tudo, mais no plano dos pensamentos e das obras que tinham escrito e lido, do que pelos contatos pessoais.

Lamennais aproximara-se da Polônia alguns anos antes da insurreição. Durante sua estadia em Roma, no ano de 1824, fez amizade com um jesuíta polonês, padre Raimund Brzozowski, assistente do superior-geral da Sociedade de Jesus, o qual, divulgando as obras de Lamennais na Polônia, defendia suas ideias na própria congregação. Ao grupo estrito La Chênaie pertencia padre Kamienski, que ia coordenar o noviciado da Congregação de São Pedro na Polônia, que logo ingressou na congregação dos redentoristas. Em 1825, visitou La Chênaie Pawel Popiel, e algumas famílias da aristocracia polonesa demonstravam a Lamennais simpatia e estima: Maria Rzewuska Potocki, Ankiewicz, Lubomirski's, Rzewuski's. Na primavera de 1832, quando o trio de “peregrinos de Deus e da Liberdade” (Lamennais, Montalembert e Lacordaire), chegou a Roma, Lamennais escreveu no álbum pertencente a Ewa Ankiewicz o “Hino da Polônia”, editado, depois, como epílogo da edição

francesa das “Ksiegi” (Livros), em 1833. Esse hino abarca o tema essencial tanto para os católicos liberais franceses quanto para os emigrantes poloneses. A Polônia não morreu, mas está dormindo. A sua sepultura é como um berço, a nação martirizada está aguardando pelo futuro nascimento.

Mickiewicz chegou a Roma em novembro de 1829 e sob a influência do padre Choloniewski lia não somente a Bíblia e o livrinho “De imitação de Cristo”, mas também *Essai sur l'indifference en matière de religio*, de Lamennais, em tradução polonesa do padre Choloniewski. No verão de 1831, fez visita em Paris, à redação da “*Avenir*” e encontrou-se com Lamennais. Naquele tempo, era, de algum modo, seu “discípulo”. Mas *Ksiegi Narodu i Pielgrzymstwa polskiego* (Livros da Nação e da Peregrinação polonesa – JS) fizeram com que Lamennais se tornasse fascinado por Mickiewicz, e Montalembert lhe escreve: *Penso que para Mickiewicz coube o papel de Messias desta pobre nação.*

Entretanto, em 1835, os caminhos dos dois escritores se dividiram e as conferências parisienses demonstraram certas críticas em relação a Lamennais.

Talvez ainda maior interesse e simpatia pela Polônia, que durou até a morte, teve Montalembert: escrevia artigos para “*Avenir*”, organizava “festas polonesas” (frequentavam-nas Kniaziewicz e Dwernicki, Czartoryski e Zamoyski, Czapski e Plater, Worcell, Zaleski, Witwicki e obviamente Mickiewicz), amava a princesa Jadwiga Lubomirski, (para seus pais ele não fazia “partido adequado”), era membro da *Towarzystwo Literackie Polskie* (Sociedade Literária Polonesa), patrocinava o jornal “*Polonais*”, cuidava da educação e formação dos jovens poloneses na emigração, apoiava financeiramente as iniciativas polonesas, também a “Casa de Janski”. Com a ajuda desse último, Montalembert estava traduzindo “Ksiegi” para francês.

Lamennais, Montalembert e todo o círculo La Chênaie demonstrava pela Polônia e suas causas grande simpatia e sentimentos. A Polônia despertava neles a admiração e o entusiasmo. As derrotas da Insurreição de Novembro estavam se identificando com a perseguição do jornal “*Avenir*”. A Polônia para eles era como defesa e ilustração das teses do catolicismo

liberal. Os acontecimentos poloneses haviam ajudado o grupo “Avenir” nos anos de 1830-31 em aprofundar a reflexão geral e teórica. Nos anos seguintes, 1832-34, a questão polonesa continuava a influenciar o pensamento católico liberal: *A Polônia e nós formamos unidade. Nós estamos lá, também a nossa esperança.*

A leitura dos artigos editoriais do “Avenir”, dos anos de 1830-31, permite-nos observar até que ponto a equipe da redação se posicionava incondicionalmente do lado da Polônia. Tal apoio teve múltiplas razões; históricas, políticas, filosóficas, mas antes de tudo – religiosas; engajamento apaixonante - pela determinada causa: eis que a Insurreição de Novembro tornou-se pedra angular da construção ideológica, levantada por esse grupo de jornalistas.

O grupo de Lamennais teve, havia muito tempo, graças à reflexão conjunta e multidisciplinar, um projeto de reforma da sociedade e das posturas, que pudessem garantir a continuidade da realização dele. Tal reflexão desfrutava das antigas tradições e das novas correntes do pensamento, diferentes ou até mesmo opostas; do tradicionalismo, da herança da Revolução, da renovação do Catolicismo do outro lado do Reno.

Sob a influência do tradicionalismo, “Avenir” estava rejeitando o individualismo revolucionário e propagando a ideia de que se o homem se desenvolve em sociedade, então, em primeiro lugar, há de construir a sociedade. Em segundo lugar – que, na história da Humanidade, importantes são as coletividades, grupos. Igreja Católica constitui o grupo que tem a mais perfeita estrutura e dinâmica: é um grupo que une, único, que é capaz de abraçar a totalidade do gênero humano.

O pensamento revolucionário, rejeitado e combatido por muito tempo, descoberto nos anos de 1827-28, permitiu ver a liberdade como condição essencial do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, como a água e o ar para Humanidade. Em consequência, todos os colaboradores da “Avenir”, com fúria, rechaçavam qualquer despotismo, esse jurado inimigo dos povos e de suas aspirações, como também o mapa desenhado, em 1815. O tradicionalismo orientava o olhar para o passado, a Revolução exigia olhar com esperança para o futuro. O

otimismo, as confianças na evolução do conhecimento, na fraternidade cosmopolita eram também como o legado da época do Iluminismo.

A síntese dessas duas correntes opostas realizou-se sob a influência da renovação do pensamento religioso, na Alemanha. O mediador principal entre a França e Alemanha era o barão d'Eckstein. Ele ajudara a ver, com o olhar novo, o fenômeno religioso. Ainda antes da Revolução Francesa, Lessing manifestava o desejo de repensar a questão da religião. As pesquisas históricas levaram-no à conclusão, de que a religião não exige ter a cega submissão aos dogmas, mas, pelo contrário, está recorrendo à inteligência humana. Este conceito, naquela época, era novidade, tanto para os inimigos da religião quanto para os próprios crentes. A introdução da inteligência nas questões da fé indicava ao homem um novo espaço em sua relação para com Deus. A humanidade foi, então, entendida como cooperadora da Divindade que prolongava sua obra de criação.

As pesquisas de Goerres e de Creuzer iam ainda mais longe, pois proclamavam as opiniões de que a inteligência humana tem participação ativa no descobrimento das verdades Divinas – a revelação e a razão não são rivais ou inimigas, mas cooperadoras no plano do conhecimento humano, “irmãos na verdade”. A razão e a religião, no berço no qual ia nascer a Humanidade, tiveram iguais posições; por isso, a religião, desde início, está presente na vida dos povos e da sociedade. O grupo, a unidade, a liberdade, o povo, a história, Deus, Catolicismo, civilização - eis o coquetel, com o qual se alimentavam incessantemente os publicistas da “Avenir”.

Todos os ingredientes dessa mescla histórica e ideológica, todas as operações estão presentes também na questão polonesa. O grupo, a nação polonesa, que tem sua história e tradição capazes de unir (União de Lublin), que está vivendo profundamente o seu catolicismo, que unifica, numa só comunidade religiosa, os solteiros, sacerdotes e monges, camponeses e artesões, a nação com alto nível de cultura, que soube enfrentar o Cisma e a Reforma, sendo, durante quase mil anos, um baluarte para o Ocidente católico, defendendo-o contra

a barbaria e heresia, essa nação tem sido apagada do mapa, primeiro pela partilha do fim do século XVIII, e, depois, pelo ímpio Congresso de Viena. O despotismo, a negação da história, a humilhação do povo são inimigos da Polônia repartida. Todavia, no ano de 1830, a Polônia se levanta, luta pela liberdade e aspira pela unificação. Serve de exemplo e porta-voz de todos os povos. Lutando pela independência, já está iniciando o processo de unificação – esse era o assunto privilegiado em filosofia político-social de Lamennais, que achava que o primeiro grau de união é a nacionalidade. “Desejamos que os nossos membros se transformem em corpo, que nos devolvam a existência política que nos é devida e a qual é um bem inalienável de todos os povos... Nós somos soldados não por causa da nacionalidade – essa já possuímos. Nós estamos lutando por nossa existência política com as fronteiras antigas. Essa é a luta pelo Direito e pela Liberdade, a de Deus e dos povos”. (L’Avenir, 1.IX.1831). Portanto, a Polônia está lutando por si mesma – essa é a dimensão nacional e política da luta, mas está lutando também por Deus e pela Liberdade, e esta já tem sido dimensão religiosa e filosófica da Insurreição.

Assim, está cumprindo a sua missão histórica e universal. “A Polônia é como um baluarte da Igreja Romana e da civilização... barragem que detém a correnteza. Se esta barragem se romper, se a Inglaterra e França caírem em sono, a independência do mundo inteiro será enterrada no campo de batalha, no qual morrerá último o dos poloneses”. (L’Avenir, 29.1831).

Aos olhos dos publicistas do jornal “Avenir” a Polônia parecia-lhes como uma nação perfeita, nação modelo. Como um povo que possui brilhante história de uma comunidade unida, civilizada, cheia de vida, sublimada, graças ao catolicismo romano, combativo, liberal e popular. Nela, os católicos liberais franceses descobriram o modelo de sistema social, aquele que tiveram esperança de poder construir – a teocracia liberal e popular, democracia católica.

Quando, então, a Insurreição de Novembro foi derrotada, quando a história, em meados do ano de 1831, arruinou os sonhos e riscou as esperanças, os redatores do “Avenir”,

decepcionados historicamente, mantiveram a esperança política: primeiro vislumbravam a vitória, depois, celebravam o martírio da Polônia, isto é, a idéia modelo da sociedade que desejavam construir.

A queda da Insurreição de Novembro obrigou os redatores do “Avenir” a tirar conclusões e a aprofundá-las. Fizeram isso no último grande texto, artigo intitulado “L’Acte d’Union”, que seria um magnífico, sublime projeto de organizar toda a Humanidade, de transformar a sociedade humana em união dos povos baseado no catolicismo e na liberdade, em grande federação teocrática e liberal.

Portanto, as lições tiradas da derrota dos poloneses, como também as reflexões levantadas depois do “martírio da Polônia”, haviam levado os católicos liberais da França, Lamennais e seus discípulos e amigos, às conclusões teóricas. Eles deixaram o plano histórico em favor do plano filosófico, passaram do campo dos fatos para o mundo de ideias.

A Polônia, a sua história e seu destino, tiveram influência decisiva na evolução católica da reflexão liberal, em geral, e na reflexão e no comportamento de Lamennais, em particular.

Porém, será que as influências eram unilaterais?

Para recordar. Em tempo romano, 1829-30, Mickiewicz lia as obras de Lamennais, durante sua estadia em Paris (junho-julho de 1831) fez visita à redação do “Avenir” e encontrou Lamennais (...) O “Avenir”, porta-voz da questão polonesa, começou a ser publicado aos 16 de outubro de 1830, mas o seu prospecto apareceu já em agosto, logo depois de *Tróis Glorieuses*, anunciando “jornal político, científico e literário”. Ele estava determinando ao catolicismo uma função, na renovação política, a qual parecia ser consequência da revolução de julho; apresentava o catolicismo como aliado dos patriotas de julho, como novo liberalismo, aberto para os valores cristãos e proclamava a separação entre a Igreja e o Estado, pois a liberdade dos povos depende da liberdade da Igreja. A Santa Sé devia provar aos inimigos que, em tudo o que não pertence estritamente às questões religiosas, deixa a seus filhos total liberdade. O dogma de superioridade de Roma no mundo

espiritual corresponde à superioridade, à soberania dos povos, na ordem temporal. *Roma é o eixo da Humanidade. A salvação virá de Roma, se souber cumprir o seu destino* (L’Avenir, 3. V. 1831).

O lema do periódico: “Deus e Liberdade”, emprestada de Voltaire, quando abençoava o neto de Franklin, anunciava: *Eis duas grandes conquistas do homem, tal qual foi formado pelo catolicismo, suas duas grandes necessidades; inseparáveis, em todo e qualquer lugar onde o nosso Deus está sendo adorado, lá reina liberdade, e onde reina a liberdade, o nosso Deus está sendo adorado. Elas estão conjugadas por uma corrente, assim como causa e efeito* (L’Avenir, 2, II. 1831).

Este programa havia sido condenado totalmente pela Igreja. A crescente oposição do Episcopado da França resultou com que, aos 15 de novembro de 1831, Lamennais suspendesse o jornal, para viajar com Montalembert e Lacordaire para Roma, a fim de defender a causa. A Santa Sé respondeu por meio da encíclica “*Mirari vos*” (15. VIII. 1832), condenando os princípios proclamados pelo “Avenir”, porém, evitando citar os nomes ou pronomes. Um mês antes tinha aparecido o breve referente à Insurreição de Novembro. Em maio de 1833, surgiram os “*Ksiegi Narodu i Pielgrzymstwa polskiego*” em francês, com a introdução de Montalembert e com “Hino à Polônia” de Lamennais, no fim, que Gregório XVI condena, no seu breve ao bispo de Rennes, mais por causa de Montalembert e Lamennais que de Mickiewicz. Em julho, Lamennais está lendo a seus amigos “*Paroles d’un croyant*”, que aparecerão publicadas no fim de abril de 1834 e serão condenadas nominalmente, na encíclica “*Singulari nos*”(7.VII.1834). Montalembert, Lacordaire e Gerbet – próximos amigos e colaboradores de Lamennais declararam a sua submissão ao juízo de Roma; Lamennais rompeu com a Igreja, deixou suas *fileiras, nas quais estava lutando lealmente durante dois anos.*

Mickiewicz escreveu seus “*Livros*” em Paris, em outono de 1832, após a condenação do programa do “Avenir”. Deu início assim: *No início havia fé num só Deus e havia Liberdade no mundo.*

Gaston Bordet cita, com pequenas reticências, por inteiro, “*Ksiegi Narodu*” (*Livros da Nação*), que falam da sua história desde o início do mundo até ao martírio da nação polonesa. E constata que esses textos dispensam qualquer comentário. Pois, na realidade, estamos diante de um esquema de funcionamento da historiografia teocrática dos anos 1830; diante de um modelo de teocracia liberal, com suas fortemente esboçadas e contrastantes fases. Bordet indicou três partes dos “*Ksiegi*”, correspondentes aos três ciclos da história: ciclo patriarcal, messiânico- evangélico e da nação-messias. No início, havia Deus e Liberdade, amor e ordem. Na comunidade dirigida pelo pai-sacerdote, todos eram iguais. Aconteceu, porém, a rejeição de Deus, o paganismo tomou conta, desorganização social, desigualdade e escravatura, veio o tempo de descrença, divisão e desordem. A idolatria destruiu a época patriarcal.

Segundo ciclo – messiânico- evangélico, tem sido destruído pelo satanismo monárquico. Cristo-Messias trouxe sua mensagem de amor e de liberdade, terminou com a escravatura. Retornou o tempo de domínio da religião, liberdade e harmonia. Na Europa, sempre e sem perturbar a ordem, expandia-se a liberdade (Idade Média e desenvolvimento dos povos). Mas *os reis se tornaram maus e o satã entrou neles, e disseram nos seus corações: Trabalhem, para que as nações sempre sejam bobas*. Assim se chegou ao tempo da monarquia, fundamentada na mentira, guerra, dinheiro e desigualdade: trio satânico (Rei da Prússia, Imperatriz da Rússia, Maria Tereza Austríaca) contrapôs se à Santíssima Trindade. Veio a dominar não o ateísmo, mas o satanismo.

O terceiro ciclo compreende a época da nação-Messias: Polônia e o extermínio dela. A comunidade dos povos cristãos, resultado do casamento da Polônia com Lituânia, vivia e crescia, graças à tríade: Deus-Fraternidade-Liberdade. *E Deus lhes deu prêmio. Enfim disse a Polônia: Quem chegar a mim será livre e igual, porque eu sou a Liberdade*. Graças à nação escolhida – Polônia-Israel, nação-Cristo voltou à época da religião, liberdade, igualdade, harmonia. Entretanto, veio o tempo de sofrimento da nação polonesa, martírio organizado por três reis-assassinos e selado com a covardia da França – Pôncio

Pilatos da história. Porém, o ciclo terceiro não tem dois, mas três tempos – Mickiewicz introduz o terceiro tempo: a ressurreição da nação-Cristo, Polônia, que conseguirá implantar a paz entre todas as nações.

Esse texto é fundamental. Demonstra a dimensão religiosa, libertadora e universal da história da Polônia, assim como foi vista pelos poloneses e como a desenhara Mickiewicz, dotado de esplêndido talento poético, lírico e épico. Da mesma forma- como a entenderam os católicos liberais, na França. Ninguém melhor que eles entenderam o que estava representando ser a Polônia um modelo de sociedade; ninguém penetrou mais profundamente o destino dela. Nem os “liberais antirreligiosos”, nem “católicos antiliberais” conseguiram entender um dos componentes de “polonidade”, que a estavam formando nos anos trinta do século XIX: o liberalismo e catolicismo.

Montalembert escreveu no dia 2 de janeiro de 1833 a Lamennais: *Mickiewicz publicou Dzieje Narodu polskiego (História da Nação polonesa) que abrange também seus sofrimentos. Escreveu em estilo bíblico, mas eu estou vendo que não há páginas no mundo que estivessem mais concordes com as opiniões do senhor padre em questões de Deus e de liberdade. Alguns anos depois, Mickiewicz escreveu para Skrzynecki: Lamennais baseava tudo no debate, polêmica, intervenções etc. Ele era teólogo seco e racionalista. A fé, provada pelos milagres e sangue, e pela ressurreição do Salvador, ele queria aumentar pelos jornais, brochuras e por organizar sociedades políticas. Nunca compartilhava as suas opiniões e quando estava muito obstinado, eu evitava contatos com ele.*

A carta datada em 23 de março de 1842, foi escrita quando o poeta estava lecionando no Collège de France; ao longo das aulas, citava certos trechos que estivessem de acordo com as suas teses. Analisou também a sua filosofia, e as exposições do último ano - por exemplo; a terceira (O que é o povo?), quarta (Roma e a Insurreição polonesa), quinta (Causas da aversão da Igreja em relação ao novo espírito na França e na Polônia) – apresentam concordância de seus pensamentos como

os do redator do “Avenir” e do autor das “*Paroles d’un croyant*”.

Mickiewicz era filho da Polônia, nação-mãe, segundo a carne. Lamennais era filho espiritual da Polônia, criança adotada da nação-ideia, nação-história.

A Polônia crescia como Estado e como nação, com o apoio do cristianismo, e baseando-se nos valores por esse proclamados, construía sua cultura. Por isso conhecia, entendia e valorizava a liberdade. A experiência histórica e encontro com o catolicismo liberal apresentado pelo círculo de Lamennais, na época de Romantismo, levou ao esclarecimento dessa composição: Deus e Pátria.

Se ainda hoje, nesse imortal sistema para os poloneses algo permanece obscuro ou inspira inquietação, seria conveniente procurar resposta lá – no sistema, que surgiu na sombra dos carvalhos de La Chênaie e nas calçadas de Paris dos anos trinta do século XIX.

Irmã Alina

SOB O ESTANDARTE DO RESSUSCITADO

INTRODUÇÃO

“Deus me chamou mesmo indigno, sob o estandarte de Cristo”. (1)

“Graças a Deus, todos os meus projetos possuem a sanção superior da simples prudência terrena... Deus os envia para mim... na oração. Com sua ajuda tenho esperança e forças. Nenhuma mágoa, humilhação e tribulação me amedrontam”. (2)

“Correspondências, observações científicas referentes à nossa associação e às suas iniciativas é preciso pôr em ordem. Também todos os projetos sociais – pensamentos e inspirações a respeito do nosso futuro, estruturá-los em um todo – explicá-los, conforme o assunto para os irmãos e aos que se chegam a confirmar nossos herdeiros e sucessores”. (3)

“Desde já... propósitos... para que... tudo o que Deus me inspirar de bom, logo, quanto antes, apresente aos irmãos, meus herdeiros espirituais”. (4)

“Desde o início, convencidos que, para a nossa conversão permaneça e a dos irmãos que se aproximam de Deus, seja efetiva – para os convertidos, para Deus e diante dos demais – seria o mais correto e necessário afastar-se da companhia com a qual se convivia e unir-se numa sociedade em que cada um pudesse ter apoio de todos, fortalecendo-se com o

espírito deles, e com a prática comunitária – e que estivesse comprometido consigo, com Deus e com os demais – e introduzido no caminho da verdade. E, então, temos decidido começar a nossa vida comum, fundada a Casa, no início do ano de 1836... Porque, convertidos recentemente, queremos consagrar-nos totalmente à causa de Deus; que seja, para nós, como centro e foco, no qual temos depositado todo o nosso entusiasmo, todas as esperanças – germe da associação espiritual para a vida inteira.... Temos fundado com a ideia que seja, para cada um dos neófitos, a Casa de refúgio, de correção e adestramento espiritual – e como estandarte para os que, também abandonando os projetos próprios, queiram entregar toda a sua vida a serviço de Deus, em defesa e propagação da verdade de Cristo e à prática dessa mesma verdade, em todas as formas de vida”. (5)

“Temos iniciado a nossa vida comunitária unidos pela Fé, Esperança e Caridade”. (6)

“Estamos unidos” em uma comunidade espiritual, com o propósito de viver, no máximo possível, como Cristo viveu, cuidando da nossa correção e prontidão para todos os sacrifícios, em defesa da nossa santa fé e do bem do próximo, ao qual Deus nos chamou. No Cristo está a única esperança da nossa moral e intelectual recuperação. No Cristo, toda a salvação de nossa Pátria...

Foi do agrado de Deus usar-me como instrumento e meio da nossa união fraterna. Pelos caminhos estranhos, Deus nos conduz para seus fins”. (7)

“Para mim, pois, Deus deu a ideia de formar, e a mim confiou o governo – a direção – e o dever de manter tal associação; e na sua infinita misericórdia para com os que sinceramente a Ele se entregaram, abençoou-nos. Chamou-nos para seu serviço. Nós nos desligamos das vaidades e não nos envolvemos em quaisquer partidos.

Os ataques de alguns adversários, pessoas invejosas e mentirosas, estão desaparecendo, sem nos atingir perante a

santidade da nossa fé, que nos tem unido e une.

No subúrbio da cidade, temos uma casa separada, jardim, seu sítio e a ordem vigorosa do dia, na vida comunitária”. (8)

I. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Fins e espírito de uma nova comunidade católica

1. “O seu princípio e símbolo é Deus, Liberdade e Pátria. O fim imediato dela é manter e fortalecer a santa fé dos nossos pais, único princípio do patriotismo e da liberdade, garantia única da nossa futura independência e da implantação nela da liberdade universal (para todas as classes sociais).

As forças à disposição da liberdade; a incondicional dedicação dos seus membros à Fé, à Liberdade, à Pátria. Vontade decidida para a libertação do Povo”. (9)

“O processo social sob o aspecto de melhorar a situação das classes mais pobres; os camponeses, a emancipação deles, a reforma agrária e a associação de acordo com o futuro sistema social dos povos mais desenvolvidos. A preocupação pelo renascimento da Pátria unir com a ideia do progresso de todas as classes da nação”. (10)

2. “Motivação aos encontros para a oração comunitária e aos exercícios da vida cristã prática. Trabalhar pela correção recíproca religiosa e moral. Pela manutenção dos contatos contínuos com os demais. Pelos trabalhos científicos e publicitários.

Esforçar-se para que a Emigração e a Nação tornem-se modelos de vida cristã. Daí a busca pela melhora da Literatura e da Moral. Oração pela santidade”. (11)

3. “A decisão de levar a mais perfeita vida cristã, sem importar-se que a pessoa seja do estado clerical ou leigo, casada ou solteira, dessa ou outra profissão. Tal resolução supõe

evidentemente nossa convicção, contrariando muitas opiniões vagas e falsas de que a perfeição cristã que estamos considerando como dever, não só dos religiosos e sacerdotes, mas dos leigos e de todos os cristãos. Todos os cristãos esclarecidos, não atolados nas preocupações e paixões terrenas, devem associar-se, cada vez mais, em defesa da santa Verdade e para proclamá-la no terreno tão bem arado, revirado, batido por tantas catástrofes. Talvez, nisto esteja o início da solução para todos os atuais problemas sociais.

Nós, particularmente, estamos considerando a nossa união, a resolução e a entrega total da vida a Cristo, como a nossa particular, clara e duríssima obrigação.

Por toda nossa vida pretendemos permanecer unidos, como estamos agora, e em associação, a despeito de muitos preconceitos, principalmente no nosso país, contra novas fundações, novas ordens e novas regras”. (12)

“Não devemos, porém, aceitar cegamente os atuais costumes monásticos: e, sim, voltar à tradição e criar algo novo, adaptado às necessidades atuais, segundo eternos modelos da perfeição”. (13)

4. “Amor por Cristo e sempre em Cristo será princípio da nossa fraternidade e da nossa vida comunitária. O dever de recíproca oração e correção para pedir a Deus perdão dos nossos pecados e suplicar pelas graças indispensáveis à nossa melhora para que a Rainha da Polônia, Maria, Mãe de Deus nos admita a seu serviço”. (14)

5. “Estabelecer um centro concreto para a divulgação nossa e de todos os trabalhos futuros – centro composto de pessoas unidas num só espírito e que vivam em comunidade. Devemos instalar centros da vida comum, no interior”. (15)

6. “É preciso que, os que no interior, hão de ser companheiros e servos da nossa associação, primeiro convivam conosco, para unir-se mais à comunidade e para mais segura conduta estejam preparados”. (16)

Pois “a causa principal é renascer em Cristo, Senhor. E não se pode ser cristão pela metade, piedoso, penitente pela metade e alcançar a eternidade de Deus superficialmente.

O compromisso fundamental, único é a entrega total para Deus. Em geral, sempre desejar uma vida cristã de nível mais alto”. (17)

“Os leigos e as famílias são chamados à vida de perfeição cristã, a qual, até agora, levaram os religiosos”. (18)

“Daqui a ideia de consagra-se à perfeição entre os leigos”. (19)

7. “Não reduzir a vida da Irmandade à única forma de vida cristã, mas por diferentes formas – rigorosamente unidas entre si – associar-se para introduzir os princípios cristãos na política, educação, literatura, ciências, artes, indústria, nos costumes sociais e em toda a vida pública e privada. E sempre basear toda a atividade no fundamento nacional.

Prover para nós uma posição entre as opiniões, envolver-se nas tradições nacionais. A nossa associação deve ser um inextinguível foco de fé, caridade e esperança cristãs e do espírito nacional. Uma fortaleza contra quaisquer obstáculos e adversidades, na qual a fé e a Pátria possam ser preservadas e propagadas em torno das quais possam centrar-se todos os nobres esforços. Providenciar meio e apoio para as pessoas com dedicação. “Usar todos os eventos sociais que servem para orientar a tal finalidade geral”. (20)

8. “Essa comunidade fraterna seja imagem fiel da futura comunhão da confraternização nacional, onde, conforme a Sagrada Escritura, o cordeiro deitar-se-á ao lado do lobo, isto é, o oprimido com o opressor dividirá a única mesa, comendo o mesmo Cordeiro cristão do Amor; onde haverá um só espírito, um só coração, uma só Polônia e um só Cristo. Oxalá, o Vencedor da morte e do inferno me conceda a graça de festejar essa verdade no seio da ressuscitada nossa Mãe-Pátria, sob o

estandarte do Salvador Ressuscitado”. (21)

“Uma das importantes finalidades da nova comunidade é a recristianização da sociedade contemporânea secularizada e pagã: é preciso lembrar-se de que, hoje, todas as discussões, lutas pelas pequenas questões temporais, estruturas políticas, etc. têm-se esgotado. E está chegando o tempo do juízo, quase final de dois agrupamentos, mas já não entre o despotismo e a liberdade, entre a religião e o ateísmo, entre a piedade e a descrença. A luta entre o Bem e o Mal vai chegando ao âmago, ao campo religioso”. (22)

“Isso está acontecendo porque a sociedade inteira está voltada à vida exterior, temporal, vivendo de maneira pagã, caminhando para as desigualdades. Hoje em dia, em cada ato público, cívico, geralmente transparece o egoísmo, o orgulho, a busca pela admiração do mundo, com o intuito de estar acima dos demais, de mandar, de superioridade. Porém, esse vício, defeito, está chocando demais, pois ainda há na sociedade alguns vestígios do espírito cristão; o de igualdade. Introduzir a igualdade nos costumes, na vida prática, privada e pública, eis o desafio dos nossos tempos. Estabelecer normas religiosas como princípios de vida particular e pública”. (23)

“Atualmente, no cristianismo, está se desenvolvendo a batalha decisiva na grande cruzada por Deus, pelo Cristo, pelo amor, pela verdade, pela justiça cristã na política e na filosofia, no social e no particular, no espírito e no corpo – em toda a vida pública e privada. Para esta santa cruzada, vocês estão inscritos, por toda a vida, como cruzados. Pela unidade na Fé, na Esperança e no Amor. Pela unidade inquebrantável nos sacrifícios e deveres”.

É preciso “usar incansavelmente todas as influências e relacionamentos pessoais, para a glória de Deus e o bem do próximo. Trazer para dentro da Igreja as pessoas cansadas nos descaminhos do erro; apoiar os que estão voltando à religião até a total reconciliação com Deus, cuja realidade maravilhosa está na Eucaristia. Em nós mesmos, trabalhar pela concretização

desta santa união. Esta é uma prática, obra espiritual sincera, silenciosa, que renova o nosso interior. Influenciar a vida dos outros, unindo-nos e unindo os demais a Deus e a Cristo, hoje em dia, é a principal tarefa. Nela está toda a esperança para a Pátria e para a Humanidade. Dela podem surgir concórdia, virtude, sabedoria, felicidade e glória. Por isso, meus irmãos, eu lhes aconselharia que fosse, como o fim primordial e o esforço indispensável, a prática da vida cristã e o apostolado, a fim de formar uma associação que tenciona viver totalmente no espírito de Cristo. Primeiro, é necessário preparar o campo religioso, incrementar a fé e o amor cristãos, reanimar, dilatar, fortalecer, introduzir na vida pública certos sentimentos e pensamentos realmente religiosos morais e cristãos”. (24)

“A prática da vida cristã e o apostolado para formar a sociedade que quer viver segundo o espírito de Cristo há de ser nosso primeiro objetivo”. (25)

“Preservemos integralmente a herança dos nossos pais: a nossa fé religiosa. Um dia voltarão a ela os povos cansados”. (26)

“Em Cristo, nosso Senhor, na sua divina doutrina e na sua santa Igreja tudo se encontra. Toda a Verdade para os indivíduos e para as nações inteiras; nela, há fundamento para todas as ciências e artes; nela, há regra única para a vida particular e social; somente por ela há salvação eterna e temporal, alívio nos sofrimentos da Humanidade. Somente por ela haverá ordem na sociedade, sem violência; a liberdade, sem libertinagem; propriedade e família com segurança e respeito”. (27)

“A religião e somente a religião pode estabelecer a ordem social e a liberdade, assegurar todos os direitos de propriedade e as questões atuais, dar satisfação às exigências sociais, até agora negligenciadas, no presente e no futuro. Somente ela pode conceder às sociedades a estabilidade da sua base e do desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Mas é

preciso que seja ela como fundamento” ”A nossa questão nacional é trabalhar pelo renascimento moral e religioso”. (28)

“Somente pelo catolicismo haverá melhora moral, concórdia e ordem”. (29)

Então, é indispensável “animar o espírito religioso no nosso país, a religiosidade na opinião pública. Por meio das publicações, missões, todos os meios de comunicação, variados e eficientes impulsos, garantirem o triunfo do Cristo, Senhor, do espírito religioso, das ideias, sentimentos, tendências religiosas, no futuro governo e na nação inteira. Antes de tudo, converter, sem nenhum envolvimento nas questões seculares, políticas, somente depois do desenvolvimento”. (30)

“Por isso, há necessidade do apostolado, para animar em toda sua pureza, singeleza e força, os sentimentos religiosos; para introduzir as regras e os conselhos evangélicos com toda a precisão e integralmente na prática, nos costumes; para instruir as mentes, conforme os objetivos”. (31)

“Com maior fervor há de se pensar sobre o retorno dos costumes, como também do desabrochamento da criatividade. Então, influenciar, especialmente, os costumes”. (32)

O resultado disso será: “a transformação da política e da civilização, da opinião pública europeia, do caráter religioso e católico, no futuro. Nós temos a grande missão neste processo”. Vamos alcançá-lo, “pela renovação dos costumes, domínio sobre a matéria e sobre os instintos animais pelo espírito, submetendo-o a Cristo, a Deus”. (33)

“Provar a superioridade da religião como verdade, como questão da salvação, da eternidade, como meio de estar em harmonia com Deus”. (34)

Por essa razão, é preciso falar muito “sobre a correção das nossas ideias, dos discursos e atos, hábitos do nosso

procedimento indispensável para a salvação”. (35)

Ensinar “sobre a religião, como único princípio, única força e origem do ser, da vida, da liberdade e do progresso das sociedades, da Humanidade”. (36)

“Em todas as atividades, construir somente o Reino de Deus, nas almas. Dedicar-se à propagação da doutrina religiosa, à perfeição cristã” (37)

Por isso “na comunidade, há de predominar o espírito de oração, de mortificação, de estudo”. (38)

“Em todas as direções e ramificações, implantar a doutrina católica, na opinião pública da nação”. (39)

“Nunca procurar algum poder. Empreender, em grande escala, o serviço a todos, na educação, no apoio, conduzindo-os no bom caminho. E pensar em fundar, para este fim, várias instituições”. (40)

“Com todos os meios, contanto que sejam lícitos, há de se procurar a maior glória de Deus, o maior bem do próximo. Parece que não temos feito tanto quanto é possível. E pode-se fazer mais pelo amor ao próximo e não pela lógica dos conceitos”. (41)

Há de se “introduzir novos costumes, na vida particular, na higiene, nos comportamentos e relacionamentos”. (42)

“A melhora, a reforma social, pode ser alcançada pelo renascimento individual e pela associação”. (43)

“O objetivo final – dos renascidos – será a melhora radical, realização total dos princípios cristãos”. (44)

“Os fins últimos: que Deus seja tudo em todos e todos voltem à unidade. A indústria socializada, batizada; (conquista)

do protestantismo, do cisma, do judaísmo; a conversão dos povos não-cristãos”. (45)

“O início da correção universal, novo crescimento do cristianismo”. (46)

“Já veio o tempo de trabalho direto pela união da Humanidade, numa só família”. (47)

II. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO APOSTOLADO

1. “O homem cria o tempo e espaço para si e para suas obras. E esta é a sua vocação, na terra, inspirado, descobrir, no fundo da consciência, os sentimentos e compromissos, desenvolvê-los, na vida social, marcar com a força deles o mundo desumano, criar, na terra, o tempo e o espaço para a verdade e a virtude. Quanto mais intensamente o homem sente a nobreza da sua natureza humana, tanto mais vive conforme a sua elevada vocação, e decidido, está trabalhando, por mais tempo e sobre maior número de acontecimentos”. (48)

2. “Vocês são a trombeta que está anunciando o juízo final, cujo som chega a todos os povos, abre os túmulos do passado e chama à ressurreição. Levantem-se todos com a força profética contra o príncipe deste mundo, contra o demônio que procura a ruína da família humana. Fugam de tudo o que possa separá-los dos outros. Que cada um procure seguir, se puder, o exemplo de São Paulo, vivendo do próprio trabalho, não impor sua cruz para ninguém, isto é, não sobrecarregar ninguém com suas necessidades”. (49)

“Hoje, é preciso dar testemunho da verdade, pelo total despojamento de si próprio, pela perfeita dedicação”. (50)

3. “Não desanimem por quaisquer dificuldades e perseguições ou até com sua própria incompetência. Queiram, somente; tenham fé, e vocês vencerão o mundo. Entregando-se ao ódio para com a malícia deste mundo, poderiam ficar cegos, pois, obstinados pelos fins secundários, perderiam o único caminho e pouco frequentado, que leva ao Reino de Deus.

Isso acontece para vários líderes da Igreja que, procurando a tolerância e os favores dos príncipes deste mundo como objetivo principal, encontraram tudo isso, porém, perderam o caminho do Reino de Deus.

Cristo proclamou a Lei do Amor e da Graça. Não procurem objetivos secundários. Procure primeiro o Reino de Deus e nos diversos “sim”, signifique “sim”, e “não” signifique “não”. Assim, cada um de vocês deve renunciar ao mundo e a qualquer orgulho e trabalhar para exorcizar o mau espírito dos seus próximos, pela ressurreição dos mortos e pela restituição da vista aos cegos.

A única fonte de felicidade e do aperfeiçoamento da Humanidade tem sido o espírito humano e, pelo espírito, pois, há de surgir a futura felicidade e a salvação da Humanidade. “Ensinem a cada um com quem se encontrarem e, a estes queiram acompanhar frequentemente que os escutam com gosto. Leiam, com grande ardor e prudência, todas as Sagradas Escrituras”. (51)

4. É preciso “dedicar-se totalmente à causa da verdade e do povo, renunciar inteiramente a si e entregar-se para Deus, isto é, viver com Deus, reprimindo o orgulho e a avarenta e mesquinha busca de fama e do prazer”. (52)

“O espírito da caridade e da verdade cresce e se expande, não pelo poder deste mundo; (a violência, a prepotência, a força física, pela espada), mas pela própria força que vem de Deus, pelo ensinamento e exemplo, dedicação à caridade e à verdade. Ele enche o homem e entra nele não contra a sua vontade pela força e coação, involuntariamente, e sim pela boa vontade dele, pela graça de Deus e pelo

merecimento próprio, espontaneamente.

Por isso, o apostolado da verdade há de acontecer não pela espada, astúcia ou violência, mas pelo exemplo de amor e de verdade, pela dedicação total a eles, renunciando até à defesa própria diante da violência e da espada.

O começo do mal, no cristianismo surgiu desde que veio o apostolado pela política mundana, pela espada. Desde Constantino, a Igreja, em vez de estar lutando sempre, até a vitória, contra as leis e costumes pagãos, não tem cometido pecado por querer chegar rapidamente a ser triunfante” (53), pelas alianças com o mundo e pelas concessões?

5. “Lembrar-se sempre e, antes de tudo, que é indispensável a abnegação total; é preciso esforçar-se, sem ter em vista qualquer elogio e, mais, com o propósito de esconder o seu trabalho e merecimento, sem procurar quaisquer prazeres e felicidades passageiras; pelo contrário, com disposição às maiores penúrias, sofrimentos, desprezos, perseguições, sem qualquer preocupação pelo futuro temporal, com tranquila confiança em Deus. Não serão o talento, a prudência, a esperteza, ou os bens materiais que servirão como instrumentos, mas a fé viva, firme, perseverante, o amor sincero, divino, livre de todos os elementos terrenos, a esperança celestial. O mais perigoso pecado é negligenciar as santas inspirações. Demorar, perder tempo, cuja prorrogação não temos certeza, para cumprir o dever. Ao começar uma boa causa com propósito puro e firme, com confiança em Deus, sincera e forte, não se inicia em vão”. (54)

6. “Levar em conta, principalmente, a possibilidade de santificação própria e a dos irmãos, a maior glória de Deus, o bem do próximo e o bem eterno dos cristãos. Portanto, há de se visar o maior bem e os frutos que podem nos trazer os talentos e dons recebidos de Deus. O problema de dinheiro não considerar como obstáculo, tendo em vista o que pode promover o princípio da associação, contribuições, etc”. (55)

“Em todas as tribulações e circunstâncias que possam perturbar a serenidade, pedir a Deus paz e conselho, antes de

procurar qualquer outro pensamento ou procedimento”. (56)

7. “Fazer o bem para as pessoas, sem procurar reconhecimento diante dos homens, mas sempre diante de Deus”. (57)

“É necessário renovar diariamente a vontade de não procurar a bajulação, nem reconhecimento dos demais. Portanto, haverá a fundamental decisão: em todos os relacionamentos com as pessoas, esforçar-se, de todo o coração, pela conversão a Deus”. (58)

Os convertidos devem “abandonar quaisquer contatos com os infiéis e manter-se com os aliados, aqueles que estão de acordo nos assuntos de eternidade”. (59)

8. “O único meio de prevenir contra a nocividade dos maus ensinamentos é apoiar a boa educação”. (60)

“Para nós, a questão não é de manter um tipo de movimento externo, mas, antes de tudo, de um movimento interno – nas ideias, na vida moral – movimento de base, social, que não pode ser outro que somente o religioso. Primeiramente, o indispensável é colocar na opinião pública o fundamento, e tê-lo sempre em mente”. (61)

“Implantar nos corações e mentes a fé, o amor e a comum esperança, por meio de Cristo e em união com a Santa Igreja”. (62)

“Todo o bem para o homem e para a Humanidade, todo o progresso, a perfeição, a sabedoria e salvação vêm somente por Cristo e pela associação universal por Ele mesmo fundada”. (63)

9. Devemos ser apóstolos do amor de Deus e da ressurreição espiritual; por isso, devemos levar em conta o fato

que, “para transformar o aspecto espiritual do homem é preciso influenciar a sua vontade, pois o aperfeiçoamento da personalidade acontece pela formação da vontade. Assim sendo, o aperfeiçoamento interior do cristão chega a ser um processo de formação. O cristianismo reconhece que a vontade humana é corrompida. Daí resulta no homem o permanente conflito entre a consciência (instinto moral) e a vontade corrompida. Então, o mal sempre se revela pelo perverso amor a si próprio em vez de a Deus. Pode-se afirmar que o egoísmo significa o triunfo do mal, na nossa natureza. O cristianismo pretende corrigir fundamentalmente a vontade corrompida e afirma que é capaz de assemelhar o homem a Deus. Há de se encontrar, em vontade de Deus, o modelo de homem.

O cristianismo também se mostra vivo na pessoa de Jesus Cristo; Deus revelado no corpo humano, a perfeição Divina, na natureza humana. O homem sabe quem ele era e quem deve ser de novo. Por isso, Cristo proclama a necessidade de mudança interior e propõe a conversão. Existe no homem uma força que incessantemente o impulsiona para procurar algum objetivo. Justamente essa tal força deve dar um novo impulso, consolidar no espírito um novo motivo, capaz de empolgar o homem. Então, acontece a transformação interior. Portanto, a essência do renascimento cristão está na mudança do interesse dominante. Mas qual é o interesse dominante? Qual é o interesse que possa desprender a alma do seu próprio ego? É o amor a Deus! Isto deve ser dito ao homem pecador, o que ele não podia adivinhar; dizer-lhe que Deus o ama! Justamente este fato tem encontrado confirmação no acontecimento histórico da vinda de Jesus Cristo a Terra, e na Sua vontade de morrer pelos pecadores. Essa renovadora força do amor atinge todas as faculdades do espírito e torna-se alimento indispensável que revigora a inteligência humana, a imaginação, a predisposição moral. Isso acontece porque o preenchimento desse grande mistério une fielmente a alma ao Âmbito do Ser, do qual está irradiando. O homem que faz penitência a fim de sacrificar-se, nesta mesma expiação encontra o Infinito. Todo o seu presente e o futuro tornam-se um contínuo ato de reconciliação.

10. “Logo que o amor se consolidou na alma, ele produz três efeitos: aproxima-a do Objeto do seu amor, entrega-a a seu Objeto e a orienta para aquilo que é caro ao Objeto amado. Assim sendo, tal amor é mais eficaz e influencia a vida. Resultado imediato disso é a obediência. Ela está inspirada pelo amor que a reforça cada vez mais. O amor a Deus consiste em amá-Lo, apesar de tudo. Isto não quer dizer amar uma tal Providência, mas também amar a todas as virtudes morais, das quais nos afugenta nossa presente e terrena disposição. Essa disposição deve possuir a marca do amor, que não elimina nada, e deixa em nós somente aquilo que está em total harmonia com Deus. Para superar este obstáculo - a disposição terrena e o egoísmo - Cristo se aproveita justamente dela, reduzindo o ego a não-ego. Domina o nosso desejo de felicidade e afasta-o das paixões, que, até então, serviram como baluarte deste ego. Ele (o amor) arrebatou o homem para si, pela força de atração e pelo desejo de felicidade, prometendo-lhe felicidade sem fim. Somente o amor consegue arrancar o homem daquilo que constitui a base de sua existência e desprendê-lo do seu ego, tornando-o desinteressado, para que possa ser absorvido por tudo aquilo que não seja o seu próprio ego. Então, ele erradica de nós o egoísmo, transfere-nos para além de nós mesmos, identifica-nos com o objeto amado e nos traz as características do Seu Ser. Portanto, única e exclusivamente o amor é capaz de renovar a postura da vida moral do homem e dar-lhe a nova existência. Porém, transformando o homem, não lhe tira a liberdade. Pois o homem, ao apaixonar-se uma vez, toma consciência da sua influência em si, mas ela torna-se ele mesmo. Portanto, todos os sentimentos que formam a dignidade humana unem-se ao amor”. (64)

11. Há de se anunciar, continuamente, que “Deus, na sua bondade e misericórdia, é maior que todas as nossas faltas. Se as criaturas podem envolver a tal ponto todas as faculdades da alma, o que acontecerá quando se volvem todos os nossos pensamentos a Àquele que é só Amor, Amor perfeito, do qual gozaremos na eternidade toda!”. (65)

“Hoje há necessidade de mística. Na verdade, apontava-se a necessidade de conventos; mas isso hoje, não está convencendo, nem interior, nem exteriormente, as mentes. Afinal, não são todos os que querem ingressar num convento. A Regra aqui não é algo essencial e, sim, entrar em contato com o mundo espiritual, superior, em comunhão com Deus. Já que a mística tem decaído, nisso está uma das causas da ruptura da harmonia, em todo o sistema social. Porém, para admitir a necessidade da mística, é preciso acreditar no mundo espiritual, em Deus, na eternidade e na possibilidade de chegar à comunhão – oração, contemplação, êxtase”. (66)

12. “Quanto mais vencermos a inata inércia do espírito, a fragilidade e a impetuosidade da carne; quanto mais tivermos voltado a mente e o espírito inteiro a Deus e à Verdade Divina, tanto mais vamos caminhar, e com segurança, para todos os trabalhos e empreendimentos”. (67)

“Primeiro, trabalhar pelo renascimento do cristianismo, na vida em geral pela purificação e formação. Prontos para qualquer sacrifício. Se houver pessoas santas, tudo acontecerá”. (68)

“Quem quiser ensinar religião deve considerar, como sua primeira obrigação – pelo respeito para com a religião, pelo temor de profanar a santidade dela, pela eficácia de seu ensino, por sua própria vida - dar provas da verdade, da bondade, da santidade da religião. Se não corrigir a sua vida, não se santificar – não será digno de ensinar os demais. A primeira obra dele há de ser a correção de si mesmo, pôr em ordem a sua própria consciência, seus pensamentos, a vida inteira”. (69)

13. “O princípio básico, em todos os projetos sociais, será trabalhar menos pelos mecanismos sociais que pelos homens. Trabalhar com a vontade própria unida a Deus, e, por isso, forte, sábia, que respeita a vontade alheia, e unir-se em Cristo Senhor, criar pessoas novas, evidentemente, tornando-se também homem novo”. (70)

. “Sempre realizar aquilo que o amor permite e esperar o maior bem, para a glória de Deus e para o proveito do próximo. Antes de fazer qualquer coisa, perguntar-se a si mesmo; será que é necessária? – Somente o espírito livre do mundo e do corpo está voltado a Deus”.(71)

14. “O mínimo possível esperar de quaisquer acordos e projetos políticos humanos. O máximo possível, dos motivos e fins totalmente espirituais e eternos. Tudo aquilo que for o mais cristão, santo e bom, encontre, na nossa sociedade fraterna, prioridade e promoção”. (72).

E tudo isso, pela “dedicação de todos os esforços e meios, a fim de orientar os nossos coirmãos e conterrâneos no caminho da verdade e da salvação”. (73)

15. “Em união espiritual, sob a direção e disciplina segura; em união de todas as forças, usar todos os meios e trabalhos comunitários mais eficientes, em função da perfeição cristã, da defesa e do serviço pela religião, para a maior glória de Deus e o bem do próximo.

Oferecer todo tipo de apoio aos irmãos que estão voltando à Igreja; tirá-los das situações, geralmente financeiras, difíceis, e facilitar-lhes a entrada na nova vida cristã regular, para consolidar a sua vocação”. (74)

“Exercer influência pessoal sobre cada indivíduo. Atrair para a nossa família a todos os que manifestem a boa vontade de mudar os princípios de vida. Influenciar pelas publicações e trabalhos científicos, tradução das melhores obras. Editar todas as obras e periódicos; ajudar na distribuição de qualquer material de divulgação religiosa. Levar ajuda aos pobres”. (75)

“Recomendação especial: oferecer pequenas dissertações, para os não convertidos e para os convertidos, de acordo com a inspiração do Espírito Santo, em forma de cartas anônimas, conquistando o coração”. (76)

III. PRINCIPIOS FUNDAMENTAIS DE SANTIFICAÇÃO

1. “Espiritualidade quer dizer Humanidade. Tanto quanto se identifica com a de Cristo, que Deus tinha pensado e criado; tanto quanto se faz identificar com ela, naquilo que está diferente dela”. (77)

Mas agora, após a queda e a redenção “a perfeição sempre vai consistir em espiritualização, e qualquer materialização leva ao egoísmo”. (78)

“Na visão da Providência, o corpo sempre se espiritualiza”. (79)

“Deus é o início e fonte de todo o bem, de toda a verdade, de toda a vida e da perfeição. Quer viver e crescer com Ele? Reconheça-O, primeiramente, como o início.

Sem Deus, não se vai chegar a Deus. Seja persistente e prudente. Ao entrar nesse caminho, não desista, não fique satisfeito com aquilo que hoje lhe parece bom, suficiente, neste ou aquele aspecto; procure a satisfação em tudo e tente chegar a conhecer e possuir a Deus. Deus é a Verdade, o Amor, a Perfeição, e não um abstrato, ou somente subjetivamente só na cabeça e no sentimento existente. Ele é vivo no seu íntimo e vivente como Pessoa. Antes de quaisquer outros objetivos, este seja o primeiro. Que este seja prioritário. Não permita ser levado por outro fim, mesmo que seja bom, mas parcial e passageiro. Seja prudente. Não se envolva neles e não se desvie, por amor a Deus, à Verdade viva, à Perfeição única. Não se desvie, nem volte para trás! E não vai se desviar, voltar ou parar, se tiver sempre em vista esse objetivo e se estiver cada vez mais inflamado pelo amor a Ele, entregando-Lhe tudo.

Não vai perdê-Lo de vista e sempre vai amá-lo, e tudo n’Ele vai se concentrar, quando não só deixá-lo permanecer no seu pensamento, mas também no coração, na vontade, Se conseguir aceitá-Lo no seu pensamento, sem confirmá-Lo no coração, em vontade, no íntimo da sua pessoa”. (80)

2. “Não exigir ser feito, mas estar se aperfeiçoando. Antes de tudo, ter consciência de si mesmo e viver com Deus”. (81)

“É preciso esforçar-se pela vida espiritual mais vigorosa. Para que enganar-se a si mesmo? Não obstante nossos pensamentos, projetos, práticas religiosas, continuamos com nossos vícios, hábitos, como escravos do mundo pagão. A primeira obrigação nossa é largar o jugo desta escravidão e começar a viver no nível cristão mais alto. Passar pela escola de vida cristã, superior na oração, em jejum, mortificação, nos trabalhos pesados e por bom tempo no estudo de espiritualidade. (82)

Para viver de acordo com o eterno modelo da Verdade e do Amor encarnado – Jesus Cristo. Essa é a obrigações. Pois, enquanto não assumirmos a realização dela, no seu ideal e divindade, sem considerar quaisquer vantagens humanas, haverá intranquilidade, impotência, desordens”. (83)

3. “Todo o bem atribuir a Deus. Em todas as aflições, procurar consolo em Deus. Vigiar sempre a si mesmo, evitar ocasião de pecar. Dedicar-se ao trabalho permanente e aproveitar bem cada momento. Fortalecer a intenção de não gabar-se do bem e de entregar a vida toda para a glória de Deus e para o bem do próximo. Entregar-se totalmente a Deus, abrir-Lhe o coração e com fé esperar por sua graça, aguardar tudo dela”. (84)

“Não procurar conforto nem satisfação, mas trabalho e desgosto. Reconhecer a própria pequenez; tudo esperar do Senhor”. (85)

“O dever cristão é fazer sempre aquilo que o amor manda, e esperar o bem maior, para a glória de Deus e para o bem do próximo. Somente o espírito, libertado da carne e do mundo, orienta-se a Deus”. (86)

4. “Trabalhar diariamente em si mesmo; assim, que se procure a perfeição, em todos os trabalhos, pensamentos, sentimentos, na vida inteira”. (87)

“Lutar com todas as forças, pela perfeição e total união com o Senhor, e pelo renascimento em Cristo Jesus”. (88)

“Nada guardar nos pensamentos e nos sentimentos que fosse confuso, imoral, duvidoso e suspeito, embaraçado e atrapalhado. Portanto, é indispensável desvendar tudo, esclarecer, purificar todos os seus projetos, desejos e sentimentos, através da oração, mortificação, caridade frequente e perfeita; através do cumprimento das promessas e pela efusão da graça do Espírito Santo, para que cada dia seja como uma oferta pura, consagrada a Deus, em união com Deus, e que leve, cada vez mais, à perfeita harmonia e unidade. Portanto, é preciso trabalhar seriamente todos os dias, para passá-los santamente”. (89)

5. “Fazer o propósito de assumir o tempo presente, com todas as suas dificuldades, e trabalhos, como um dom gratuito da Divina Misericórdia, como uma punição bem leve da Justiça Divina. E mais. Ao ouvir algo desagradável, silenciar ou mudar o assunto da conversa, ou retrucar, mas delicadamente. Não se confraternizar facilmente, sem fraternidade em Cristo”. (90)

“Rebaixar-se e ter medo de si mesmo. Não procurar nenhum consolo nas criaturas e em nada de temporal. Aguardá-lo somente de Deus. Não contentar-se muito com conforto, comida, prazeres, brincadeiras, roupas, com quaisquer sucessos e acontecimentos mundanos. Nesse sentido, Deus será o fim único dos nossos pensamentos e atos, se nunca buscarmos algumas satisfações e consolações; porém, fazer tudo para agradar Deus e somente de Deus esperar consolação”. (91)

6. “Não postergar, não protelar os compromissos, inspirações”. (92)

“Dentre várias inspirações, segurar as mais importantes para a eternidade, para a santidade e realizá-las, primeiramente”. (93)

“Transformar a própria vida em “morada no Senhor” ser membro Dele e o Senhor em nós, ser a Igreja d’Ele”. (94)

Renovar frequentemente o “ato de total entrega a Deus, de dependência da sua vontade e não da minha”. – Essa entrega contém não só o ato de incondicional subordinação à direção dos mandamentos, aos conselhos das santas inspirações, para nunca contar consigo, mas também o ato de renúncia, de entrega para Deus de todas as paixões, caprichos, planos, contatos, posição, a ponto de estar pronto a deixar tudo, se assim Deus quiser. Não se apoiar em nada, exceto no amor de Deus e na união com a Igreja Católica”. (95)

7. “Resguardar-se, para não falar qualquer coisa para a sua glória, para orgulhar-se ou para gabar-se de alguma graça recebida, de alguma virtude sua. Mas também resguardar-se da humildade falsa”. (96)

8. “Cuidar-se e sempre prestar atenção, para que todas as tentativas e orações não tenham motivações escusas, como querer ser notado como perfeito aos olhos dos outros. Brilhar visivelmente de santidade, destacar-se pela perfeição, para alcançar a caridade perfeita, a sabedoria e a força, a fim de fazer mais, valer mais, poder mais. Estar mais perto de Deus, mais digno d’Ele, mais parecido com Ele, mais perfeito, santo. Viver exclusivamente pelo puríssimo amor a Deus e pelo completo renascimento em Cristo Senhor”. (97)

9. “O amor ao próximo sem amor a Deus é vazio; pode levar ao mal. Entregar-se aos quaisquer relacionamentos com as pessoas e com o mundo, sem entregar-se a Deus, sem levar em conta as obrigações decorrentes do nosso destino final, conduz ao mal”. (98)

“O amor santo não erra; tal amor vive pela fé e pela liberdade, e o homem, pelo amor a Deus e ao próximo”. (99)

10. “Pela cruz veio a salvação eterna. A cruz é o estandarte, símbolo da nossa existência na terra; sofrer, sofrer e sofrer. E nisso está o fim! Quem quer chegar mais alto e mais longe, viver eternamente, não pode definhar no sofrimento. Há de amar, amar, amar. A cruz há de ser símbolo real, pois até Deus, ao nascer como homem, na sua vida, nada nos mostrou a não ser a realização dela”. (100)

11. “Na terra, sempre estamos expostos a sermos envolvidos pela revolta contra Deus. Em volta de nós, sempre haverá revolta. Devemos, continuamente, renascer em Cristo. Renascer, para apressar o Reino de Deus; crucificar-se, mortificar-se, sofrer. Somente no céu poderemos alegrar-nos, gozar”. (101)

É preciso, então, “lançar-se para todas as mortificações, com alegria, com coragem e vontade de pagar, com elas, pelos pecados passados, e lembrando-se da Paixão do Senhor. Qualquer fadiga, cansaço, trabalho, suportar com bom grado, com a mesma ideia de penitência. Por amor a Deus, oferecendo-Lhe tudo. Para a Sua santa vontade e serviço oferece se não só as alegrias e prazeres, mas também o conforto e satisfações; não só o tempo e ideias, mas a saúde e até mesmo os mais amargos obstáculos”. (102)

12. “Os irmãos religiosos nada conseguirão se não testemunharem os ensinamentos pela vida de dedicação, vida austera; igualmente os irmãos leigos, especialmente os que têm alguns cargos”. “Se começar a trabalhar com o espírito da mais límpida e total dedicação, não vai desmorronar, não vai cair”. (103)

13. “A amizade de Deus, isto é, a graça, eleva-nos, regenera-nos e nos conduz à salvação, adapta-se à nossa

realidade, à nossa fragilidade e se dá para nós, na medida da necessidade para nos levantar, curar e conduzir à salvação. Mas, em alguns, excepcionalmente santos e de puros impulsos, excede tal medida; incomoda-nos e nos expõe aos perigos. E então é preciso suspirar com o suspiro dos santos, imbuídos pela onda do infinito amor. Quando esse amor infinito e ilimitado, o amor incomensurável, quer se dar a nós em abundância, é impossível prolongar a vida na terra”. (104)

IV. O ESPÍRITO DE RECOLHIMENTO, ORAÇÃO, TRABALHO E CARIDADE FRATERNA

1. “Acudamo-nos mutuamente, socorramo-nos pela oração e caridade recíproca, para que sejamos dignos de tão grandes graças, que Deus quis derramar sobre nós”. (105)

2. “Os exercícios espirituais comunitários considerar como condição fundamental para introduzir a união”. (106)

“Ao acordar, levantar-se prontamente. Aprender a superar a lentidão do corpo e do pensamento. E, logo, elevar a mente para Deus; agradecer-lhe por ter dado força para se superar, e pedir ajuda ao longo do dia. Deixar de fazer muitas toaletes, arrumar-se rapidamente”. (107)

(Aqui seguem algumas prescrições inúteis para nós.)

7. “Rezar pela perseverança no trabalho, no estudo e nos relacionamentos com as pessoas. Para não desperdiçar tempo”. (120)

“Pedir para poder estar sempre preparado a morrer e preparar-se para isto. Pedir a Deus pela perseverança, em propósito de aproveitar todas as forças para a glória de Deus e o

bem do próximo, sem levar em conta qualquer razão material, humana; esforçar-se, para que todo bem que pretendamos realizar ou que Deus nos permita fazer, possa estar oculto e desconhecido.

Pedir a graça de libertação total dos laços do mundo e pela entrega completa e ilimitada a serviço de Deus e do próximo. Rezar pela graça de conviver bem com as pessoas, pelo autodomínio, para falar nem a mais, nem a menos do que for necessário para a glória de Deus e o bem do próximo”. (121)

8. Conselhos adicionais: “Na oração responder em voz alta”. (122)

“É melhor deixar de fazer propósitos do que não cumprir os feitos”. (123)

V. PEQUENA REGRA DA IRMANDADE E MÚTUA CARIDADE

1. “Todos os dias, os nossos lábios estão repetindo o arrependimento, os pecados e a contrição interior, como também os não cumpridos propósitos. Todos os dias, a nossa mente mergulha no abismo da queda e eleva-se às alturas, em Cristo, nosso Senhor. Ainda que os nossos corações tenham participado da oração, da confissão e da meditação, quando, porém, as regras gerais não podem adequar-se às determinadas circunstâncias da vida, às extensas e santas teorias, incorporar-se no estreito espaço da vida prática dos pecadores, nós, abaixo-assinados, associados a fim de aperfeiçoar, primeiro em nós, virtudes cristãs, ao participar da mesa do Senhor, em Deus uno e trino, no dia de São Vicente de Paulo, determinamos a seguinte regra da conduta comunitária, a qual todos desejamos observar, lê-la todas as noites, depois da oração, e corrigir-nos reciprocamente das transgressões contra ela.

2. Observar, com a maior perfeição, todas as realizações da última conferência (isto da conduta comum), confiando a aplicação delas – quanto às pessoas e às circunstâncias – a livre vontade do Senhor.

3. Não negligenciar, a cada noite, as recíprocas censuras pelas pequenas faltas contra Deus, contra as pessoas e contra as deliberações, considerando o tolerante como aquele que quer conseguir a tolerância para consigo; com isso, poderia afrouxar a regra.

4. Observar rigorosamente o silêncio, no horário determinado na última conferência; em outros, falar baixinho, sem gritos ou risadas, que manifestassem o homem leviano.

5. A ninguém de nós é permitido, com exceção do Senhor, conversar sobre várias questões de religião, política e filosofia – mesmo que esteja um só estranho entre nós; isto poderia dar impressão de doutrinação, a qual não temos forças, nem somos dignos. Em particular, porém, é permitido e há de se falar com cada um dos conhecidos sobre esses assuntos; e fora da Casa, se o pessoal exige e as circunstâncias permitem, pode-se falar para muitos, contanto que não haja briga com ninguém; portanto, é melhor evitar isso, pois isso pode servir para aumentar, em nós, o orgulho e, nos outros, a irritação.

6. Nunca falar de si próprio, a não ser que, em companhia de um ou dois, seja-lhe perguntado.

7. Nunca interromper ninguém, numa conversa iniciada; em caso de uma situação urgente, pode-se falar com uma só pessoa, contanto que não seja aquela que esta discursando ou aquela a quem se dirige o palestrante.

8. Não é permitido contestar, mesmo no caso de um erro evidente, a não ser após 24 horas passadas, e somente na consulta vespertina. Entretanto, se isto acontecer com uma pessoa estranha, então, após 24 horas, decidir de que modo seja

mais vantajoso para a pessoa que permanece no erro, e, de maneira delicada, tirá-la do caminho errado.

9. Visto que a vida humana se compõe de pequenos modos de comportamento – tanto para com as pessoas, para com Deus e consigo mesmo – devemos ser firmemente decididos, a fim de evitar tudo o que caracteriza o homem distraído, inquieto e impaciente; e isto não só porque o nosso procedimento há de ser edificante, exemplar e claro como um bom sermão; e ainda mais, pois o comportamento não consegue estar por muito tempo oposto ao estado interior do homem. Tal contradição há de ser superada pelo espírito, se ele se esforça e aproveita as graças de Deus – ou será vencido, se neste aspecto vai obedecer à carne, ao sangue e às paixões. Portanto, antes de tudo, devemos procurar que, no quarto de cada, todos os móveis e utensílios estejam arrumados, nos seus devidos lugares, de modo que, mesmo à noite, o dono possa encontrá-los. Segundo: queremos que ninguém pegue as coisas de outrem, sem permissão, nem mexa, sem necessidade, e Deus o livre de vasculhar ou jogar de um lugar para o outro os objetos.

10. Decidimos que ninguém, nem com uma palavra só, possa responder às censuras ou às advertências, na sessão noturna, considerando, como resposta, uma “Ave-Maria”, que vai rezar com os irmãos e permitir registrá-lo, para aproveitá-lo no fim de semana como matéria de confissão e motivo de nossa mortificação na semana seguinte, da qual o Irmão Sênior deve ser informado. (124)

VI. RECOMENDAÇÕES PARTICULARES

1. Ordem da Casa

1. “C o n s e l h o s s i n g u l a r e s - em relação à ordem na Casa, afazeres plantão; tempo de silêncio e de recreação;

limpeza, ordem externa. Em relação ao comportamento entre nós; em vez de dificuldades haja apoio recíproco; em vez da maldade bom exemplo; em vez de afrouxamento, união, caridade. Quanto ao procedimento com os externos; aproveitar todos os contatos para a maior glória de Deus e para o bem do próximo. Evitar dar escândalo e falsa impressão da nossa questão por mau procedimento, caráter. Especialmente, quanto à discussão; com caridade, oração; se possível, em particular. C h a m a r – s e d e i r m ã o s – {só} aqueles que querem obedecer, despertar. Tanto mais é preciso vigiar-se e estimular o fervor no cumprimento dos compromissos. O esforço constante, sólido, é indispensável para a nossa correção espiritual. É necessário controlar-se rigorosamente, quanto aos detalhes, pela ordem externa”. (125)

2. Empenho pela santidade

“Empenhar-se com total ardor pelo aperfeiçoamento espiritual; viver sempre na presença de Deus e em oração, humildade e mortificação, para cumprir todos os compromissos zelos e laboriosamente”. (126)

“Antes de tudo, esforçar-se para manter em si o espírito piedoso pelas práticas religiosas, pela leitura espiritual”. (127)

“Cada dia passar com tamanha vontade e entusiasmo no serviço de Deus, como se este fosse primeiro e último, para prestar conta diante de Deus”. (128)

“Entregar-se totalmente à vontade de Deus, e confiar n’Ele, lembrando de que se trata do reinado com Deus, da salvação eterna, pelo Senhor Jesus. Portanto, hoje e todos os dias e momentos, e em cada ato, devemos nos entregar totalmente a Deus: fugir de tudo o que nos afasta d’Ele. Por isso, a vida inteira, e todos os dons que Deus nos tem dado, aplicar para a maior glória de Deus, na realização da vocação”. (129)

3. Conduta na igreja

“Para a igreja, sair ao mesmo tempo e voltar junto”. (130)

“Ocupar os mesmos lugares, sem observar o pessoal, na igreja. Sair junto, ao perceber o sinal”. (131)

“Na Missa, morrer realmente para Deus, como Cristo está morrendo por nós”. Portanto, mortificação, humildade, castidade; viver de Sua vida. Implantar o Reino de Deus em si. “Entrar em união com Deus para sempre e por amor perfeito e pela graça onipotente do Cristo Senhor”. (132)

“Após a Comunhão, permanecer mais um pouco de tempo. Não se destacar”. (133)

“Não demorar-se na igreja”. (134)

“Voltar junto, encontrar-se no portão”. (135)

4. Comportamento na Casa

“No café, comer pouco; daí, depois, vem a lentidão no trabalho”. (136)

“À mesa, ocupar lugar fixo”. (137)

“Quanto ao uso do tempo, combinar com o Sênior”. (138)

“O dinheiro podem guardar e gastar somente com o conhecimento do Sênior. Nada de escondido, sem seu conhecimento”. (139)

“Nenhuma mortificação, sem conhecimento e sem permissão do Sênior, em nada diminuindo os direitos dos confessores”. “Não dar conselhos nem advertências

publicamente, diante dos outros, principalmente aos mais velhos, nem cobrir de perguntas, nem interromper, quando se conversa com alguém”. (140)

Está em vigor “severa observância da ordem na Casa; não andar a esmo, principalmente antes e depois do almoço, após a recreação”. (141)

“A recreação pode ser em separado {para os grupos de irmãos}”. (142)

“Sempre, alguém deve servir de sineteiro”. (143)

“O sino, nos horários determinados. O horário por escrito”. (144)

“Na capela ou no refeitório o programa da semana na parede... com festas, celebrações”. (145)

“O programa das atividades diárias {para cada um}”. Obrigação de “permanecer no seu quarto, exceto, recreação. Não mexer nos quartos alheios. Os objetos, tocados por necessidade, deixar no mesmo lugar”. Vigora o “bater à porta para entrar”. (146)

Na nossa Casa, existe: “Clausura, silêncio, horário, (como convém) noviciado, - disciplina, código penal, lugar de recreação. Conferências sobre a oração, meditação, orações, confesores, o plano de serviços, o responsável pelo ambiente, pela ordem, em geral”. (147)

“Após a recreação, cada um vai para o seu quarto. Terminar os encontrinhos. {Obrigatório} durante o dia falar baixinho, principalmente nas escadas e nos lugares públicos. Lembrar-se {da obrigação} do silêncio”. (148)

“Não fazer visitas, fora da recreação”. (149)

“Nem discutir, somente com permissão {do Sênior}”.
(150)

“Falar baixinho, fora da recreação”. (151)

“Silêncio, após a Comunhão, até ao final das orações e da conferência; nos dias de jejum {obrigatório}, silêncio até ao café de manhã”. Tentar “fechar a porta silenciosamente”. (152)

“No trabalho, é preciso manter silêncio e segredo”. (153)

5. Assiduidade

T r a b a l h o e l a b o r i o s i d a d e d e v e r d e
todos: cada um deve “ ter tempo destinado para trabalhar”.(154)

“Todos os dias necessariamente trabalhar para ganhar o sustento”. (155)

“Nos horários determinados para trabalhar, não se deve visitar ninguém, sem algum motivo urgente, nem durante a noite, nem ao administrador, nem na cozinha. Cada um deve ter tudo, no quarto; por exemplo, água, o copo, etc. (156)

“Entre todos os trabalhos diários, considerar como os mais importantes: Viver na presença de Deus, com a consciência limpa e com o ardor. Viver o dia inteiro, como se fosse o último e tão zelosamente como se fosse o primeiro no serviço. Portanto, as mais importantes causas tratar da maneira mais fervorosa. Viver todos os dias com o sentimento de um desterro, de ter sua pátria no mundo superior – na eternidade. Trabalhar pela purificação dos pecados, pela mortificação, pela iluminação na sua vocação, nos compromissos, nos trabalhos próprios e da comunidade, pela união com o Senhor”. (157)

“Servir a Deus como se deve servir a Deus”. (158)

6. Exercícios espirituais de manhã e ao meio-dia

“Desde as 10 h até as 10h e 30 min, leitura espiritual ou de algum mestre de vida interior, ou de uma biografia de um santo, ou traduções de piedade – rosário, escapulário, etc. Desde as 11h e 45 min até as 12 h, exame de consciência {diante de Deus}: primeiro, durante uns onze minutos, exame de alguma virtude ou de uma falha; logo, por três minutos, exame detalhado; se, de manhã, temos voltado primeiro pensamento a Deus? Se todo o trabalho do dia havia sido dedicado a Ele? Como temos orado? Quais os propósitos que temos feito e como os realizamos? Quais as vitórias sobre as paixões temos conquistado? Quais erros e por que os temos cometido? Fazer os propósitos mais decididamente e pedir a Deus pela força necessária”. (159)

Agora, segue o Anjo do Senhor. Após o Anjo do Senhor, quinze minutos de recreação, logo, o sino e leitura”. (160)

“Em cada leitura, fazer uma pergunta, por escrito, para que estou lendo? E depois, dar resposta, também por escrito”. (161)

7. À tarde

“Leitura, após o almoço”. (162)

“Também, antes das orações da noite”. (163)

Durante a oração da noite será obrigatório “exame de consciência e autocontrole”. (164)

“Meditar sobre suas imperfeições e como trabalhar para largá-las”. (165)

“Controlar a vida cotidiana, especialmente pelo exame de consciência, para saber como aproveitar o tempo”. (166)

“Confissão semanal de quanto temos melhorado das imperfeições, e realizado os propósitos. Antecipar ao confessor sobre o seu estado espiritual, das suas {frequentes} quedas”. (167)

No fim do dia, haverá também “admoestações, após a meditação, e propósitos” para o dia seguinte. (168)

8. 169 a 172 – Maneiras de como se comportar à mesa.

9. Obrigações dominicais

“Após a Missa recitada, haverá outra, cantada. Somente o plantonista, depois da Missa cantada, está livre para preparar o café da manhã. “Após o café, não há recreação, mas silêncio, até à conferência”. (173)

“A conferência é para os irmãos associados e a instrução geral para todos. Apresentação geral do início, da história e da finalidade da associação, para os recém-chegados”. (174)

Nesta ocasião, haverá também “almoço dominical para os irmãos externos”. (175)

“Aos domingos, preparar, para os irmãos externos, celebrações dominicais, almoços e encontros vespertinos”. (176)

10. Retiros

“O retiro mensal é obrigatório para todos {os irmãos internos e externos}”. (177)

“Pedir a Deus e esforçar-se arduamente para fazer o retiro e a confissão de tal modo que esteja preparado para morrer e apresentar-se diante de Deus. Portanto, tirar do coração

toda a mágoa e queixa; vencer quaisquer maus hábitos; dominar os vícios; reprimir pensamentos pecaminosos; acalmar qualquer inquietude. Apaixonar-se por Deus e pela Virgem Maria Santíssima”. (178)

11. Reuniões da Casa

“Desde a nossa união nesta Casa, temos feito frequentemente uma reunião espiritual comunitária após a Comunhão. Daí, todos temos experimentado uma grande ajuda, várias vezes, importantes consolos. Consideramos isso como um costume obrigatório”. (179)

IsSo há de ser “uma conversa em comunidade, sobre os nossos deveres, sobre a correção, etc.”. (180)

Seria bom “conversar juntos a respeito dos nossos deveres e meios para realizá-los”. (181)

“A finalidade principal é abrir os nossos corações, arrancar qualquer mágoa, contar o que é que se tem visto de errado, revelar os seus pensamentos sobre a nossa melhora e como podemos alcançar nossos objetivos”. (182)

“Abrir os corações, reconciliar-se, entregar-se à Virgem Santíssima”. (183)

“Primeiramente, desvelar aos irmãos novos e recordar aos antigos a ideia pela qual nos congregamos. Não existe definitiva regra; estamos unidos pelo amor recíproco, pela confiança, pelas esperanças comuns. E pela graça singular de Deus, temos decidido, que o nosso objetivo é:

- correção própria;
- atividade apostólica, levando em conta o aspecto nacional, temperamentos e tendências atuais;
- prontidão para qualquer sacrifício;

- que a nossa comunidade seja o início de algo estável. Daí os compromissos espirituais e práticos.

Meios para obter os objetivos:

- A graça de Deus, sacramentos, oração.
- Esmero pela correção de si próprio – o que é a perfeição, seus graus;
- Trabalho a favor dos outros – como defender a religião, a unidade das idéias.

Quanto ao poder constituído – pois tive as melhores condições para atuar, mas, sem ser eleito, sempre como fundador, me considero indigno para rezar por alguém mais digno.” (184)

VII. VOTOS, ou PROMESSAS de vários graus (185).

1. ”Entregar-se inteiramente à Vontade de Deus; voto de união fraterna perpétua”. (186)

“A união mais estreita requer o ato de **obediência**; renunciar à propriedade pessoal; quem preserva o direito de administrar a sua propriedade será excluído. Em relação à castidade e constituir família; o voto de castidade obrigatório, seja sacerdote ou não; ou também, no caso de vida matrimonial oficial {sacramental}, unir-se espiritualmente com a comunidade inteira. Pode ser excluído quem não quiser obedecer, para na sua vida matrimonial e familiar, estarem em união espiritual. Podem ser praticados votos perpétuos ou temporários”. (187)

Seria recomendável “voto de anonimato”. (188)

{para} a “mortificação – necessariamente todos os irmãos espirituais”. (189)

2. P o b r e z a: A Casa de Paris, fundada e sempre “mantida pela confiança no Senhor e pela fé perseverante na santidade e infalibilidade do pensamento de Deus, tem congregado em união. Gratidão e louvor ao Senhor da Misericórdia”. (190)

“Quanto à propriedade, alguns pretendem possuir tudo em comum”. (191)

Então é preciso “livrar-se de todas as coisas; dos livros e dos papéis; que se os tenha cada vez menos para perder todo o apego; estar disposto a perder tudo o que seja supérfluo. Renunciar a qualquer cargo e assim concluir a libertação do seu espírito. Que valor têm todos os meios e bens temporais, mesmo os mais abundantes, diante dos bens eternos, as condições espirituais, graças de Deus? Como são insignificantes!”. (192)

Com a pobreza, vem a obrigação de laboriosidade. Todos são obrigados a trabalhar e aproveitar o tempo, como convém aos pobres; ”a ideia vive somente em ação; quando vive em união com o nosso eu, é nossa. A essência da vida está no bom uso do tempo, O bom uso do tempo {consiste} em não perdê-lo com as coisas que não levam a um fim determinado. (...) Não dispersar atenção com vários objetivos. Escolher somente aqueles cuja realização não ultrapassa as possibilidades. Nada começar, a não ser aquilo que logo queremos concluir. Terminar o que já era iniciado. Se não tiver vontade para fazer o que manda a obrigação, nem começar outro trabalho, mas pedir a Deus pela graça de cumprir o dever”. (193)

“Todos os trabalhos menos importantes devem dar prioridade para os mais importantes. Portanto, sempre fazer os trabalhos mais urgentes. Organizar-se e ainda ajudar aos demais”. (194)

3.Castidade: “Cristo nasceu da Virgem. Era celibatário. No céu não haverá sexo, mas tal satisfação e gozo de amor que a nossa razão não está conseguindo imaginar”. (195)

“A dependência sexual é temporal e imperfeição do nosso ser”. (196)

Nela está “a mais perigosa paixão que tende a dominar e a submergir a vida toda. Assim sendo, há de ser dominada e controlada nos determinados limites. Pelo ato sexual nos apegamos de maneira muito forte e inseparável à terra e à vida mundana. O prazer inerente a ele , acompanhando o despertar da nova vida e à multiplicação do gênero {humano}, traz um esforço até ao limite da morte. Por isso, ele se torna o maior empecilho a saborear e estimar as coisas celestes e eternas. A nossa raiz e base, antigamente, estavam no céu; agora, estão na terra. É imprescindível arrancar a raiz da terra, para converter o nosso coração e o amor ao verdadeiro início e fim”. (197)

“A violência imposta à natureza é a única maneira de regeneração cristã: a natureza é corrompida, revoltada contra o espírito. Por isso, reprimir o primeiro impulso sexual com o espírito, dominá-lo, para que, ao vencer a nossa natureza corrompida, se possa orientar o espírito à união com Cristo Senhor”. (198)

4. O b e d i ê n c i a e A u t o r i d a d e “Entre nós, haja a mais firme autoridade, porque fundamentada na mútua confiança que cresce cada vez mais fervorosa, aceitando-a quase sem restrições”. (199)

“Tal autoridade procedente de Deus, teve Cristo – não precisa de força nem de espada para garantir a obediência dos subalternos; ao contrário, nem espada pode dissuadí-los da obediência. Mas quem tiver preconceitos e inclinações nocivas para com a sociedade, tanto mais há de estar obediente”. (200)

“Sou servo da nossa comunidade com a obrigação de trabalhar, com todas as forças, pela sobrevivência dela e pelo seu progresso. Entretanto, necessito de confiança, de caridade e de complacência de vocês”– assim falava o Fundador aos irmãos. (201)

“Que amor me une a todos os irmãos e com todos os nossos projetos? Estou encarnado neles; o que faço para eles é como se fosse para mim, o que eu tenho eles o têm”. (202)

“A dedicação e o talento devem servir ao bem comum. É necessário que as pessoas sejam sinceras para com as demais, conquistem a confiança da multidão pela decência e capacidade”. (203)

“Entre vocês, por mais digno de qualquer liderança e de autoridade, considerem somente aquele que é o mais pobre de espírito, o mais humilde no coração, e que esteja pronto a tornar-se o último entre todos, pela salvação e felicidade deles. Quem quiser ser servido é digno de ser escravo; e quem quer servir a todos, a fim de levá-los ao comprimento da Vontade do Pai Celestial, merece ser enaltecido acima de todos”. (204)

Todos devem ser inspirados pela “intenção de confiar a autoridade somente àquele que Deus deseja investí-lo”. (205)

Os superiores, isto é, os de primeiro grau na comunidade são obrigados a: confissão pública, conhecer toda a organização, os motivos da classificação, dos planos para o futuro, abnegação em si mesmo de todo o individualismo, desprender-se totalmente do mundo, mortificação severa, renúncia completa da fama, humildade, paciência”. (206)

“Voto de anonimato”. (207)

“Em relação aos irmãos sempre manter a serenidade, a calma; evitar a impaciência, a tristeza, o desânimo, disposto sempre à mais diligente caridade e serviço”. (208)

“Visitar frequentemente os irmãos, e, com paciência, serenidade, caridade, conquistar seus corações para que todos se unam cada vez mais verdadeira e realmente no Cristo, única e eterna esperança e amor. Essa nossa união espiritual no Cristo Senhor, nosso Deus, gera fraternidade concreta, diante da qual todos os laços de carne e de sangue passam a ser casualidade, verdadeira ilusão”. (209)

“Esforçar-se para elevar cada irmão à mais alta perfeição, considerando a si mesmo pequeno, principiante”. (210)

O superior sempre deve sentir “o nojo em impor aos demais qualquer fardo que ele mesmo não carrega; em ensinar o que ele não faz. Quando se trata das crianças e dos adultos, há a graduação no entendimento da doutrina e da liberdade. Os adultos, porém tendo mais liberdade, por amor, devem gozar dela menos. Assim recomenda a regra principal da Igreja e do Cristianismo”. (211)

“Nada procurar nem assumir acima das condições e meios que Deus está proporcionando atualmente, mas aproveitar diligentemente os do momento. Portanto, é preciso estar atento, para não desvirtuar todo o bem que pode ser feito agora, de maneira preferida, popular, mas como por alguém chamado por Deus. Desse modo, pode-se fazer um grande bem, pois não será divulgado, ruidoso, mas simples”. (212)

“Quando não puder realizar os projetos remotos, maiores, gerais, então concretizar os possíveis. Para efetivar algum projeto existe um só momento próprio; se o perder, a causa desmorona. Iniciar qualquer trabalho, quer dizer, eliminar o primeiro empecilho à sua execução”. (213)

“Preparar-se espiritualmente de tal modo que nenhuma dificuldade, e mesmo as tragédias materiais e financeiras possam, no futuro, inviabilizar os nossos empreendimentos espirituais; e de maneira cristã, com calma inabalável, com

esperança e coragem, cumprir seus compromissos, e seguir a sua vocação”. (214)

5. Atribuições do Irmão Superior:

“Escolher o confessor, administrar o tempo, - programar todas as atividades, leituras, cartas etc”. (215)

Todos devem observar “o programa e horário, com o consentimento do Sênior; estar atento aos detalhes”. (216)

O Superior “tem o direito de exigir a apresentação de qualquer escrito. Nada de oculto”. (217)

O Superior não deve “nada falar e nunca prometer, espalhar, se isto for duvidoso; entretanto, se já foi prometido, deve ser cumprido”. (218)

Deve sempre, “à noite, durante a recreação, informar sobre os assuntos trazidos ao longo do dia”. (219)

Deve também observar atentamente “várias transformações que estão ocorrendo e que vão influenciar os costumes cristãos”. (220)

“Entre todas as ocupações diárias há de se considerar, antes de tudo, aquilo que se refere à perfeição”. (221)

“Para preservar-se das dificuldades por causa de visitas, deve determinar horário. Para as mais longas, designar um dia da semana” (222), por exemplo, “aos domingos, à noite, e na quinta, a partir das 13 horas”. (223)

“Dias e horas de receber visitas são os domingos e quintas-feiras, o tempo restante é para clausura”. (224)

Ao Sênior compete “organizar o horário de atender visitas e de nossa clausura”. (225)

Haverá um “irmão porteiro – a quem ao sair, deve-se apresentar a licença. Ao porteiro deve ser entregue a relação dos que podem entrar, apesar de clausura”. (226)

É necessário “formar um conselho para controlar o ingresso e a aplicação dos recursos ou manter um livro aberto de entradas e saídas do dinheiro”. (227)

Também deve ser organizado o “subsídium charitativum, isto é, contribuição fraterna.” (228) dos simpáticos à comunidade, dos amigos e dos irmãos externos.

“Deve ser organizada, quanto antes, a biblioteca de casa, (229) para leitura obrigatória das conferências científicas e estudo”. (230)

Ao punir os desobedientes “a ira comum em relação ao transgressor transformar em caridade pública para com o pecador, embora seja necessário exigir penitência. O impenitente que seja excluído da comunidade”. (231)

O Superior deve coordenar a acolhida na comunidade e a formação. Ao admitir alguém, deve “considerar todos os nossos bens como obra de Deus, à qual está sendo associado, e assim é agraciado. Não acolher qualquer pessoa”. (232)

“Ao admitir alguém, falar sobre as maiores dificuldades. Não obrigar de modo algum”. (233)

“Embora, ao conquistar alguém, convém alegrar-se”. (234)

Porém, antes de tudo é preciso investigar rigorosamente: “possui qualificações para ingressar na nossa comunidade? Esse homem é dedicado, querendo entregar a vida pela verdade, pelo bem do próximo? Procura vida religiosa, cristã para si e para outrem? Vários têm entrado no seminário intencionados pelos

motivos temporais e individuais; em busca dos objetivos estranhos ou do pão”. (235)

Pode-se “contar somente com aqueles que renunciam integralmente a este mundo e à sua felicidade”. (236)

Na educação, principalmente, “influenciar-se pela vontade unida com Deus, forte, sábia e amante – sobre a vontade dos outros e se unir no Cristo Senhor; formar homens novos, sendo, primeiramente, o homem novo”. (237)

“Tomar cuidado para não querer enquadrar todo o bem à única forma preferida, popular, mas observar atentamente a capacidade de cada um, para perceber se Deus o está chamando”. (238)

A nossa educação há de ser reflexo e continuação da “educação individual, familiar, maternal, tradicional; a mais eficiente”. (239)

“O amor paciente, humilde e fervoroso, que age com simplicidade e prudência, tudo vencerá”. (240)

6. Conselhos quanto à conduta do superior - para que evite exibir a sua superioridade pela erudição, mas somente pelo amor. Aliás, que esconda a sua sabedoria e não a manifeste, pois assim influencia negativamente o seu próximo e já está recebendo o pagamento pelo trabalho assumido em nome de Deus”. (241)

7. Fórmulas Promessas: “Em nome do Cristo Senhor, que nos tem unido em comunidade fraterna, para que nós entrando no seu espírito e na primeira regra dela, façamos promessas e assumamos o compromisso recíproco de observar a seguinte toda a ordem, na nossa vida comunitária”. (242)

VIII. VÁRIAS CLASSES DE MEMBROS E DE INSTITUIÇÕES

1. Ordem interna

A hierarquia fundamental entre os membros é estritamente espiritual, divina, de acordo com a real importância sobrenatural dos participantes. “A ordem, segundo o nível da perfeição, da caridade, da mortificação, da quantidade das virtudes recebidas, número de dons e das funções exercidas”, isto é, dos trabalhos realizados e das difíceis tarefas para o bem da comunidade. (243)

2. Ordem externa

A divisão externa, de acordo com o nível da união e das funções exercidas: ministério superior de governo, ministérios inferiores de governo, outros serviços; de correspondência e missionária, apostólica, de divulgação religiosa, na qual devem encontrar-se os que hão de ensinar; apostolado espiritual, de caridade, de ensino – de obras, escolas, bibliotecas – de indústria e de belas artes. Serviços: de economia, associações das confrarias de industriários – os gerentes das oficinas, os proprietários, os comerciantes etc; de bibliotecários – associados das bibliotecas públicas; de caridade para com os enfermos, pobres, órfãos. “Viajantes; associação de hospitais e pousadas, abrigos, são serviços de amparo fraterno”. (244)

Desse modo, “na nossa organização, devem existir: as instituições do governo central, de exercícios espirituais, de trabalho e de divulgação científica e popular, de economia e indústria, instituições civis e militares; escola militar. Instituições artísticas de canto, de pintura, desenho, de vestuário etc”. (245)

Os membros são “os irmãos religiosos, os amigos, os profissionais, os alunos, os voluntários”. (246)

“Os servidores de primeira linha, soldados regulares”.
(247)

“Os irmãos religiosos; sem restrições, com restrições – aqui, pelo menos, de dois graus, de acordo com a perfeição e permanência ou de estabilidade voluntária. Hóspedes: residentes, para estudar – cadetes, catecúmenos, estudantes – sem nenhuma liberdade, sem poder administrar nem tempo nem dinheiro para fazer penitência, ou para experiência”. (248)

Também “os hóspedes internos ou habitantes, observam somente as regras gerais; podem sair quando quiserem. Não é classificado o grau de perfeição deles, não serão avaliados; eles mesmos estão fazendo exercícios espirituais, de acordo com seus confessores; administram o seu dinheiro, as várias questões resolvem como querem”. (249)

“Seminaristas:

1. A Casa de Penitência – escola de vida religiosa – a pobreza voluntária, isolamento, mortificação, jejum e constante oração.

2. A organização da economia comunitária; salários, caixa, artesanato, agricultura, artes. Oficinas de várias profissões, onde haverá trabalhos, por algumas horas, para todos.

3. No campo, além de agricultura, haverá tecelagem, piscicultura, floricultura, horticultura.

4. “Na província, haverá associações – hospedarias, nas cidades principais e nos povoados”. (250)

“Algo parecido com um convento ou uma ordem; Retiros, Casas das Irmandades de diferentes tipos, nas aldeias, vilas, fazendas. Casa central – na capital”. (251)

“Há diferença entre a regra religiosa e a dos hóspedes, ou eventualmente entre os novos e velhos; os hóspedes, sem ter

participação nos nossos trabalhos; admitidos aos estudos e trabalhos como nossos amigos e colegas, apesar de estarem fora da regra religiosa”. (252)

“Delimitação de graus: determinar as obrigações para cada grau ou votos. Para os graus superiores, haverá necessariamente reunião penitencial – reconciliação mútua. Para estes seria muito proveitosa, antes do almoço, leitura espiritual e meditação, como também o dialogo”. (253)

“A reunião dos irmãos da comunidade é restrita; casa de penitência, estudantes, residentes, vida comunitária”. (254)

Seria bom “que pudessem fazer exercícios espirituais separadamente, dos quais os residentes estão dispensados”. (255)

De qualquer forma, “entre nós há várias categorias”. (256)

É mister guardar “documentos pessoais de todos os irmãos”. (257)

3. Serviço de ensino

“Comunidade central sempre na cidade:

1. Capela.
2. Biblioteca; jornais, conferências científicas, escritório da redação.
3. Escola para crianças pobres ou não, etc. O centro da irmandade, universidade, etc. (258)

Seria bom “conceder os títulos científicos, militares, de economia, de política, administração, eclesiásticos (diaconato). Talvez alguns da comunidade façam o voto de celibato e permaneçam como leigos, mas dedicados especialmente aos objetivos de toda a associação”, agrupando clérigos e leigos.

“Esse voto seria perpétuo ou temporário, mesmo dos casados. O desenvolvimento gradual da associação dar-se-á pelas cartas de fundação e organização”. (259)

“A universidade nacional será o centro de propaganda religiosa; seminários, missões, escolas, casas centrais de indústria e as irmandades dos industriários. Casas de penitência e de recuperação, de santificação, de vida contemplativa, etc. Celibatários e casados vivendo em comunidade ou separados... Será proveitoso ingressar neste futuro com toda a alma, com todas as forças, vislumbrando-o definitivamente como a vocação própria”. (260)

“Quanto à universidade católica nacional é preciso decidir finalmente. Como seria bom iniciá-la logo. Talvez Mickiewicz pudesse ensinar sua história da Polônia, como um dos cursos? Mas seria oportuno que cada um, o quanto antes, preparasse algo, como também os demais”. (261)

“Refletindo sobre as matérias pelas quais poderia me interessar, por vários motivos estou escolhendo a estatística, não geográfica, mais numérica, como publicitária, referente às instituições sociais”. (262)

“Há possibilidade, com tempo, de obter o título de professor numa das universidades da Bélgica. Porém, isso não é mais para mim, e sim, para alguém dos nossos. Dizem que agora eu devo ensinar mais com a bengala apostólica. Deus o permita! Mais provável é conseguir para mim uma cátedra num dos colégios ou institutos católicos de Paris”. (263)

“A modéstia e a verdade não permitem fundar universidade católica; para isso é indispensável Bula Papal. Por enquanto, cursos preparatórios, argumentando pelas necessidades deles”. (264)

“Seria bom obter informações sobre as universidades da Bélgica; se vale a pena e se é viável instituir alguma fundação

por lá. Se é possível ganhar algum subsídio, abrir um internato ou Casa para os estudantes poloneses. Perguntar a respeito disso ao Montalembert se por causa disso não haveria algum escândalo, se não se desanimam. Se não seria melhor mandar para lá os que, no futuro, hão de trabalhar pela formação por lá da universidade católica {polonesa}”. (265)

É preciso “ir a Montalembert e perguntar se seria possível abrir algo assim junto de alguma universidade de Teologia na Bélgica”. (266)

“Se não seria possível usufruir da simpatia para conosco e ganhar bolsas de estudo na universidade; ou uma coleta para essa finalidade”. (267)

“Sabe-se que, além de Alexandre Jelowicki, já cinco irmãos têm se decidido pelos estudos teológicos, no Colégio {Stanislas em Paris}. Por causa da mudança na administração e de saída {a Roma} ninguém lhes oferecia hospedagem. Padre Froment, apesar de ter dado prontamente a permissão e promessa de que, morando na nossa Casa, possam frequentar somente o seminário, sendo tratados como outros seminaristas, {quer dizer, como se fossem do nosso seminário}. E assim, por acaso, formou-se o germe de um pequeno seminário polonês {em Paris} que, depois, pudesse evoluir e organizar-se decentemente. E este se tornou objeto dos meus pensamentos, esforços e de esperanças”. (268)

O Fundador também perguntava “se não haveria, com tempo, possibilidade de abrir em Roma um Colégio Polonês como existe o inglês, alemão”. (269)

Entretanto, por ora, chegou-se à conclusão que “é preciso primeiramente instalar e organizar as melhores e ativas, interligadas, oficinas científicas” (270) da nova comunidade.

4. Serviço bibliotecário

a) biblioteca; relação de livros estrangeiros e nacionais. b) classificação de livros para trabalhos e livros emprestados.

c) Catálogos; marcar quem e quando está levando, quando deve devolver. Este período de tempo está listado no cartão do leitor, devolução após uma semana ou dez dias.

a) “Exceções e extensões de tempo somente com permissões específicas do Sênior”.(271)

“É necessário organizar a biblioteca tão rápido quanto possível”. (272)

“Nunca levar livros da biblioteca sem permissão e sem registrá-los. Um livro próprio para esta finalidade”. (273)

“Todos os livros antirreligiosos trancados à chave”. (274)

“P r i n c í p i o s d e l e i t u r a: Como regra, ninguém deve ler somente para dizer a si mesmo ou aos demais de que já tem lido tal livro, mas sim que o conteúdo deste possa permanecer no coração e na mente, tanto quanto possível e quanto melhor. As informações recolhidas devem ser organizadas em categorias e digeridas. Registrar as reflexões. Além do mais, ler tão rápido quanto possível, com a mente atenta e clara. Lembrar-se de todos os assuntos de maneira lógica, dominando pelo espírito sobre o peso da matéria”. (275)

5. Conferências científicas

“Organizar conferências científicas” (276) em Casa. Elas devem servir de preparação para o nosso trabalho científico. Devem compreender, em resumo, o conhecimento geral,

enciclopédico, das ciências: Sociologia, Filosofia Cristã e Política Polonesa. Por meio destas ciências pretendo:

- Introduzir a unidade, ordem, verdade em nosso pensamento, de cada um em particular e de todos; no conceito de vida particular e social, conhecimento, sabedoria, perfeição.
- Daí, introduzir a unidade, a ordem, bondade, nos atos e em toda a vida; a arte de viver como pessoa em sociedade;
- Por isso e antes de tudo estamos trabalhando pela salvação; assim, então, aproveitar a nossa vida como bons cristãos e bons poloneses. Por essa razão, dá o que pensar sobre a nossa situação social. Trata-se de como nós devemos viver unidos, em comunidade diferente. Explicar o objetivo, os princípios, o futuro da nossa associação, o que devemos pensar, querer, aspirar, o que fazer.
- Este curso precisa ser organizado para:
Produzir, desde já, para futuro, os nossos trabalhos científicos, pesquisas.
- Organizar o nosso esforço, no sentido de divulgar publicações pequenas ou grandes.
- Estabelecer a Universidade Nacional Católica. Por estas razões e finalidades, empenharem-se na primeira etapa, deixando as outras para a evolução seguinte”. (277)

“O amor a Deus e ao próximo constitui início do conhecimento das ciências, da sabedoria, do amor pela verdade”.

Condições morais para conhecer a verdade, santidade de vida:

a. Que é a verdade? Absoluta, relativa; essencial, convencional; matemática, física, moral, subjetiva e objetiva; princípio de certeza, critérios, métodos.

b. A fé e a razão; relação entre a religião e o conhecimento. O limite da ciência, habilidade interior do conhecimento. A dependência recíproca entre as diferentes parte e faculdades. Dependência em nível religioso, social, de clérigo e de leigo”. (278)

“A nossa santa fé não se opõe à razão; pelo contrário, é sua raiz, sua lei, sua vida. Qualquer mente sadia pode e deve admiti-la. Ela permite ser justificada pela razão de maneira clara e evidente. O cristianismo é a revelação definitiva do fim do homem superior a todos os objetivos temporais. Por isso, antes de instaurar a ordem no raciocínio, indispensável é endireitar a consciência, reconciliar-se com Deus, confessar-se”. (279)

“A certeza nos assuntos sobrenaturais, procede totalmente da graça de Deus. Quem ama a Deus e ao próximo tem a Verdade permanentemente”. (280)

É necessário corajosamente “libertar-se do despotismo dos preconceitos filosóficos e, ao reaver a verdadeira fé, imortalizar as esperanças reais”. (281)

“A única vontade de Deus é que a Humanidade deve procurar e realizar, o que está fazendo, é aperfeiçoar-se, caminhando em busca da perfeição no amor, na sabedoria e na virtude”. (282)

É preciso elaborar a teologia do desenvolvimento: “Em que consiste o desenvolvimento, progresso, espiritualização da Humanidade? Será que um estilita, eremita, que quase acabou com seu próprio corpo, pode ser considerado como homem de nível superior de espiritualidade? De modo nenhum! Ser espiritual quer dizer ser humano. O progresso da Humanidade depende da sua espiritualidade: a parte moral da Humanidade há de comunicar moralidade para a outra sem moral. Pois o ser humano não é um ser espiritual, mas um ser moral”, ou seja, importante não é ser espiritual, mas ser espiritual ético. “Para que multiplicar as riquezas, se o uso delas pode servir contra os

princípios morais da vida humana? Devemos espiritualizar aquilo que não é humano nem para nós, a fim de desenvolver a nossa espiritualidade. O mundo externo, que envolve o homem, não é destinado para ser contrário aos princípios morais, isto é, aos interesses da Humanidade. {O Mundo} humanizado pode contribuir ao desenvolvimento do humano na Humanidade. Na perspectiva da Providência, o acontecimento continua idealizando-se, o mundo humano, a matéria, está se espiritualizando”. (283)

Até a Revelação nunca pode ser perfeita, mas em aperfeiçoamento, pois a verdade para o homem nunca pode ser perfeita, porque Deus não se revelou ao homem por inteiro, visto que Ele é Infinito, Absoluto, eternamente imutável. O homem é finito, relativo, mutável, e, por essa mesma razão, Deus nunca lhe vai revelar Seus atributos, essa relação entre o homem e Deus integralmente, mas vai se revelando continuamente. A Revelação para o homem não pode ser diferente da histórica. A Revelação perfeita e eterna para o homem se encontra somente nos axiomas, nos dogmas religiosos; são atributos de Deus, porém, a relação entre o homem e Deus, como predestinação, tendências, natureza humana, direitos e obrigações do homem, organizações sociais, entram na esfera da revelação temporal e progressiva. (284)

6. Cristianização da Filosofia

Imprescindível é batizar a filosofia moderna; “A filosofia antirreligiosa leva as sociedades, nações à total decomposição, ao naufrágio. A Humanidade inteira vai ao suicídio. Há necessidade da filosofia religiosa. A atual filosofia, antirreligiosa, é falsa, e suas afirmações a respeito da natureza humana, da origem e do fim do homem, da sociedade, do mundo e sobre a nova doutrina social são errôneas. Desta falsa posição resultam conceitos e conselhos errados sobre as futuras instituições”. (285)

“Ao destruir um só laço da sociedade, a fé comum, um dos mais nefastos e inevitáveis resultados para os povos da Europa Ocidental, tem sido a divisão das opiniões a respeito dos mais importantes fundamentos do pensamento humano sobre a natureza, origem do homem e da Humanidade. Daí, o surgimento das filosofias nacionais: escocesa, alemã, francesa, etc. Na prática, cada um, ao formar seus conceitos egoístas, gerais e teóricos, conforme seus interesses e paixões temporais criava princípios para a Humanidade inteira. Então, a França oferece a todo mundo a constituição; a Inglaterra, receitas para produzir ouro; a Alemanha, a arte de ensinar, de saber”. Entretanto, esse é um fenômeno passageiro que não pode se conservar. “No futuro, podem subsistir diferentes filosofias de várias escolas, mas não várias filosofias de diferentes povos”. (286)

7. Serviço pela escrita e imprensa

“A imprensa, hoje, tem grande força. Diante de grandes massas, nada vamos fazer, até que não comecemos a imprimir”. (287)

“A autoria em segredo” devemos manter. (288)

Levando em conta “até que nível de erro, mentira, façanha e de prostituição de si mesmos não teriam chegado pela vaidade e ganância, em busca da fama, os nossos escritores, se na base, o povo não tivesse manifestado a eterna impressão da lei e da justiça”. (289)

Observa-se que os romances escritos, principalmente históricos, registravam que, “a religião, antigamente, nos tempos realmente nacionais, tanto entre nós como na Europa inteira, havia sido princípio, núcleo de toda a educação, dos costumes, até mesmo das atividades na indústria. É quase impossível descrever o quadro dos antigos hábitos, sem pintar as velhas apresentações e intenções das cerimônias religiosas”. É preciso enquadrar o povo nas obras literárias, porque a “vida social se manifestava somente pelos acontecimentos religiosos.

O que havia de humano no camponês era só pela permissão e proteção da religião e do clero”. Então, “continua existindo, para descobrir pelos filósofos e artistas a vida inteira de certas classes do povo, o modo de criar e desenvolver as relações sociais – todo o mecanismo moral da nação, poesia dos tempos antigos. Todo este mecanismo, toda essa poesia, antigamente, teve sua fonte na religião”. (290)

“A s o b r a s p a r a s e r e m p u b l i c a d a s : a biografia dos santos e beatos poloneses; tradução dos bollandistas, apresentação da história, tendo em vista a época em que estavam vivendo, apontando as mais salutares influências da religião etc. A respeito do cisma, sua história sobre o ateísmo e as destrutivas consequências dele, mesmo para a felicidade temporal das nações”. Antes de tudo, a obra sobre os piedosos poloneses sob o título: Os Pais da Pátria. A vida do beato Josafá, apóstolo do cismáticos”. (291)

Em seguida, as religiosas “conferências científicas, cartas, pesquisas, enciclopédia católica”. (292)

“A História da Igreja, na Polônia – os santos, os pregadores, a fundação das congregações a sua situação atual”. (293)

“Trabalho para traduzir a Sagrada Escritura, publicar livros para as celebrações, por exemplo, celebrações paroquiais”. (294)

“Coleção de orações e meditações para si e para os seus, revista apologética”. (295)

“A enciclopédia tem dupla utilidade: primeiro, como manual, informações, novidades políticas, de literatura. Depois, será aceito o texto da Sagrada Escritura: Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. Mt 6,33 (296) “Escrever no espírito de caridade inabalável – eis a regra fundamental”. (297)

“A equipe de redação há de se reunir após a Comunhão, em oração. A reunião ordinária: apresentação dos planos, artigos; após o Veni Sanctae apresentar o problema, se junto com o jornal não revelar aos escolhidos o projeto de entregar o governo ao Papa. Com isso virão os votos adequados, promessas. Abrir a divulgação somente para a Igreja, em unidade. Trabalho científico e publicação das obras apropriadas para a coleta de doações. No primeiro número da revista, destronização de todos os chefes dos partidos, entronização do Espírito Santo e do Cristo Senhor. Declaração da Polônia Jovem; na redação não haverá nome de nenhum polonês; até as traduções serão feitas pelos franceses. Aceitamos o trabalho dos estrangeiros, mas o domínio, como de um órgão superior, não. Nisso haveria desonestidade, falsidade. Prestar conta diante da nação dos anos passados na emigração”. (298)

Publicamos “impressos, com total independência em relação às opiniões externas, dos partidos etc. e assim a justificativa da nossa doutrina. Os p e r i ó d i c o s: organizá-los como interdependentes, como um dos meios de ação interna e externa, solidamente ligados aos demais. Então, publicar aquilo que for o mais urgente, em tal momento. É necessário agir o mais rápido possível pelas publicações, como um dos mais poderosos meios de comunicação social. Além disso, a vida interior, individual e comunitária, ativos contatos externos”. (299)

- “P r i m e i r o p r i n c í p i o: ortodoxia irrestrita.
- S e g u n d o: nacionalidade concreta; fazer o que é possível e o que é bom.
- T e r c e i r o: prudência, evidência quando for necessário; o resto, segredo. A política não das palavras, da gritaria, das brigas, mas do trabalho.
- Q u a r t o: a confiança mútua, obediência, união.
- Q u i n t o: harmonia das ideias, das doutrinas e das pessoas. (300)

Pode aparecer para nós, novatos, um projeto no qual nos pretendemos mergulhar com total dedicação, pois sentimos que já é chegada a hora, pois está ampliado e confirmado o nosso trabalho espiritual nesse sentido. Isto é i n f l u e n c i a r p e l a s p u b l i c a ç o e s e obras científicas, pelas traduções e publicações dos melhores escritos estrangeiros, seja aqui, seja na Polônia, onde procuraremos material de pesquisa com tendências apostólicas e católicas. Deste modo, o objetivo de nosso trabalho serão obras e várias revistas, às vezes distribuídas, para exercer a influência religiosa. Impressos podem ser feitos na Polônia. A verdade é que muitos livros religiosos, de piedade e outros, que seriam somente para o povo na Polônia, podem ser impressos, por exemplo, em Cracóvia ou em Lwow {Lviv}, ou em Poznan. Seria melhor imprimi-los por lá. As razões são evidentes. Poderíamos ter por aqui pessoas dedicadas a isso exclusivamente, pois aqui há maiores possibilidades de pesquisar a literatura religiosa. Por aqui, poderíamos, então, imprimir aqueles que viessem da Polônia”. (301)

Infelizmente, há de se levar em conta o fato desagradável de que hoje, “em todo lugar, a imprensa está divulgando tanto os livros bons como os maus; é preciso também outros meios de influenciar”. (302)

8. Comissão de línguas

“A comissão de línguas, para aprimorar as expressões técnicas”. (303) e editar dicionários de várias matérias. Todos devem estudar línguas. “Estudar sempre, ao menos uma língua”. (304)

Nas casas de estudos da comunidade haverá em vigor “ensino das línguas alemã, latina e hebraica”. (305)

Todos devem “traduzir livros religiosos”, “estudar a Sagrada Escritura, principalmente o Novo Testamento, ao menos por uma hora, decorar todas as palavras de Jesus”. (306)

“Devem estudar o canto litúrgico e rezar o breviário”, aprimorando o latim. (307)

9. Escola de vida interior

“O objetivo principal será fundar escola de vida espiritual, de mortificação interior, e nela formar pessoas, no espírito cristão – pessoas de fé, de caridade, com confiança profunda e total em Deus. Todos estão obrigados a procurar, pela purificação, pelo esclarecimento e pela união com Deus”. (308)

10. Serviço de correspondência

“Organizar o serviço de correspondência”. (309)

Esse é um dos meios de praticar o apostolado e exercer influência religiosa entre si. Comparar as primeiras cinco partes dos pensamentos do Fundador a respeito da nova comunidade, principalmente a segunda: Princípios fundamentais do apostolado, o seu espírito”.

11. Organizar a assistência aos enfermos

“Organizar a assistência aos doentes: Adão {Mickiewicz} talvez queira ser presidente dela?”. (310)

“N a c i d a d e restaurantes para os pobres. F o r a d a c i d a d e : hospital e casa para os inválido-veteranos; vida bem arranjada e confortável”. (311)

“Convocar os irmãos que procuram por alguma atividade pública aberta e a eles propor o apostolado na emigração pelos atos cristãos de misericórdia”. Por exemplo, abrir:

- Abrigos espirituais, casas de penitência para os desesperados que querem cometer suicídio, talvez junto da Trappa,

Irmandade de Trappa, sem votos perpétuos.

- “Irmandade de misericórdia, para os fracos, miseráveis, hospedarias nas cidades maiores como Toulouse, Montpellier, Bordeaux; junto aos abrigos e hospedarias convém uma capela”. (312)

“Organizar uma Confraria dos que trabalham nos hospitais e, ao mesmo tempo, nas casas de assistência aos enfermos”. (313)

12. Serviço de imprensa

“Ao fundar uma casa instalar uma tipografia”. (314)

13. Serviço das artes

O serviço das artes há de “formar um grande centro de desenho” no meio dos irmãos com o talento que possam “especializar-se neste trabalho”. (315)

“O ateliê de pintores iniciar após o retiro e a grande purificação. Talvez o voto de anonimato dos trabalhos, como para a sociedade científica, pelo menos para uma parte. Começar da pintura pelos quadros de santos, Via Sacra, para as nossas casas, Irmandades, como também com da vida de Jesus, dos santos, dos apóstolos santos discípulos, fundadores das congregações, dos conventos, santos poloneses”. (316)

Criar “institutos de arte – canto, pintura, símbolos, vestimentas”. (317)

Divulgar os “quadros de Overbeck – Jesus entre as crianças”. Nas paredes das oficinas, “letrados com palavras da Bíblia”. (318)

14. Escolas técnicas

“Escolas técnicas” (319) estritamente ligadas com os serviços paroquiais.

15. Serviços nacionais

Serviços nacionais, isto é, irmãos e irmãs unidas de vários graus, externos, clérigos e leigos.

Existe imprescindível “necessidade de uma associação dos {irmãos} externos”. Entre eles também haverá “confissão pública geral”. (320)

“Nossa organização há de ser construída na realidade atual, pessoas concretas, de modo que todos os elementos estejam direcionados e aproveitados a serviço dos nossos objetivos: unir-se e servir para alcançar as próximas e as remotas {nossas} finalidades. Porém há um princípio; a cada membro conhecer pessoalmente ou através de alguém de grande confiança”. “Criar tais associações, ligações, para que os relacionamentos entre nós não se rompam no caso de quaisquer acontecimentos que pudessem mudar a nossa situação e suspeitar algumas paixões”. (321)

“Há uma regra: não se deve menosprezar formas externas; pelo contrário, servir-se delas para definir sempre a união interna, espiritual, e vários graus dela. Regra para determinar corretamente as razões sociais e especializar-se urgentemente. A nossa associação há de ser assim: quando alguém ingressa nela começa praticar e realmente a ser membro da nova sociedade, aceita certas obrigações, a maneira de viver, determinada autoridade. No caso de desenvolvimento da nossa causa na emigração, chegar ao poder, primeiro programar diferentes instituições que deveriam se instalar; a organização, certos órgãos, proclamações. Evitar a tendência de rápido e superficial crescimento. É preferível conseguir menos mas bons, piedosos, formados, verdadeiramente renascidos e unidos no Cristo Senhor do que muitos, cujos paixões e depravações seria

necessário tolerar. Por isso deve haver a mais rigorosa lei penal”. (322)

“A mais importante forma, o instrumento para manter a unidade do nosso organismo social será a oração. A disposição das orações de acordo com vários níveis da associação. Mesmo os livros de oração para os irmãos dos níveis inferiores, imprimir mais para os na Polônia. A prática de meditação é obrigatória entre os mais familiarizados com a comunidade. O conhecimento dela, ou seja, os conselhos e métodos, considerados como os melhores. A instituição de oração permanente pela Pátria é necessária, como também e na intenção da nossa irmandade”. (323)

“Particularmente, recomendo a frequente participação dos sacramentos e meditação diária, a renúncia à vontade própria e disposição a obedecer. A principal advertência é apoiar-se o menos possível nas combinações e projeções políticas e humanas, e, tanto quanto possível, totalmente, nos motivos e objetivos espirituais, eternos”. Que “tudo o que é o mais cristão, santo, o melhor, encontre em nossa sociedade fraterna a aprovação, obediência e popularidade”. (324)

Na organização, vigora “o culto dos Apóstolos e dos santos padroeiros nacionais, conjunção do popular com o sigiloso, divisão pela língua, isto é, pela nacionalidade, ou antes, pelos serviços nacionais. Crescendo de acordo com as línguas, talvez seja possível desenvolver as irmandades de serviços nacionais. Daí, a Irmandade de Serviços Nacionais; em vez de línguas, sejam serviços nacionais... homens e mulheres”. (325)

Obrigações dos associados:

- Espirituais:
 - Oração.
 - Mortificação – jejum.
 - Esmola – contribuições fraternas.
 - Eestudo.

- Trabalhos comunitários, de acordo com os graus e funções.
- Deveres e trabalhos ordinários; ganhar o sustento pelo trabalho próprio, e, em alguns graus, obedecer à direção comum quanto à distribuição dos trabalhos, dos ingressos e dos gastos. Para os graus inferiores, haverá caixas de crédito; quatro diferentes tipos de crédito. Como princípio - sem permissão, nada se pode emprestar dos estranhos; pelo empréstimo, com permissão, responderá a comunidade”. “ Exige-se certa perfeição dos graus superiores. Além do compromisso dos celibatários, os casados têm dupla obrigação:
- Viver o matrimônio de acordo com os costumes dos cristãos primitivos, em união espiritual, perfeita, e até mesmo em comunhão de direção e de vida.
- “Observar somente algumas prescrições para aproximar-se do objetivo da comunidade”. (326)

“Instalar empresas, onde podem ser engajados os que não podem se comprometer muito com a associação, e fechar para as novas esperanças”. (327)

Por exemplo, “um escritório de encomendas em Paris: correspondência com todos, quaisquer compras, negócios, contatos com a Pátria, com as famílias, serviço de terceirizar os trabalhos por intermédio dos amigos franceses e os compromissos assumidos comunitariamente. Denunciar e informar sobre as causas nacionais, distribuindo cartas circulares do escritório. Não é permitido defender a nós mesmos; entretanto, é preciso defender a Igreja e as diferentes fundações, visto que o inimigo as está destruindo. Não podemos

esperar. Preparar-se para a cruzada, formar padres próprios”. (328)

“Ao organizar as orações na emigração, será possível estabelecer coletas periódicas; então, é preciso providenciar a contabilidade. Fazer o diário de correspondência, no qual tudo será escrito. Seria necessária e urgente, entre nós, alguma instituição de caridade, como bandeira e núcleo de unificação, de crescimento”. (329)

Por exemplo: “Casas de expiação, oração e de trabalho braçal; o rendimento delas seria para manter hospitais e irmãos enfermeiros, e outras obras de caridade, casa dos inválidos, casas de boa velhice {aposentados}, nas quais o problema material será garantido melhor que na vida individual. Casa de ajuda mútua: contabilidade correta, empréstimo de acordo com a justiça, tipo clube onde o serviço será feito pelos irmãos. Igualdade quanto ao nível de vida. Em Paris, entre os mendigos, prostitutas, estudantes”. (330)

“Há tantos suicídios em Paris entre homens e mulheres, tanta prostituição por causa da miséria! Se tivéssemos criado, para esta necessidade, abrigos, casas de recuperação, conventos. Pensar menos nas formas externas e mais no espírito e efeito do projeto”. (331)

16. Fins principais dos Serviços Nacionais

A. “Correção, reforma dos leigos... a partir da regeneração individual e associação dos renascidos”. (332)

Com esta finalidade, “para os irmãos externos, celebrações dominicais, almoços e jantares”. (333)

“Procurar algum lugar para a casa de campo”. (334)

“Orações pela Pátria a Nossa Senhora da Libertação”, obrigação de todos. (335)

B. Fundar, “na Polônia, as Irmandades de várias denominações com a mesma finalidade, subordinadas à direção central”. (336)

C. Ecumenismo, ou seja, “primitiva unidade do cristianismo, cuja reconstrução há de ser, em nossa opinião, o objetivo principal da dedicação e dos programas de todos os homens de boa vontade e dos verdadeiros filhos de Cristo”. (337)

Particularmente, para nós, poloneses, “o catolicismo determina o alvo dos nossos esforços, perante grande parte das nações eslavas, que é grega, isto é ortodoxa. A Igreja grega está composta principalmente de eslavos. A propaganda religiosa diante do cisma é um dos principais objetivos da Irmandade. Por isso há necessidade de missionários para os eslavos do Sul”. (338)

Estamos observando “hoje, o início de uma nova e geral melhora, novo progresso do cristianismo. As nações eslavas estão trazendo para este esforço comum suas frescas e poderosas forças. Mas o mau espírito pretende aproveitá-las, nos fins dos tiranos. Existe também o racismo, os vícios nacionais na vida prática, o espírito de revolta, de liberdade revolucionária, de filosofia soberba. Isto pode causar ruína delas. Daí, resulta o dever de: trazê-las à unidade da fé na Igreja Católica e prepara-las para realizar o Mandamento do Cristo em sua nova interpretação. Nisso consiste todo o trabalho; o centro dele é a Polônia no conjunto, em união com o esforço geral do cristianismo”. (339)

Os Serviços Nacionais também devem interessar-se pela “questão de integrar na Igreja Católica as seitas protestantes e ortodoxas, pela história das tentativas neste sentido. Devem promover o estudo sobre esse assunto. Devem aprofundar a história e a situação do catolicismo perseguido, que está em diferentes países protestantes. Há de tomar conhecimento da situação da Igreja no estrangeiro e dela passarem denúncias e

informações. Estimular a propagação católica entre os protestantes e descrentes. É viável acrescentar alguns detalhes sobre a renovação das comunidades cristãs”. (340)

“Dar início a alguns escritos em francês contra o protestantismo e o cisma”. (341)

“Os Serviços Nacionais devem propor o objetivo: reconstrução da unidade cristã”, (342) até que “todos voltem à unidade: os protestantes, os ortodoxos, os judeus”. (342)

D. Os Serviços Nacionais devem oferecer ajuda na renovação da Igreja, na re-evangelização, principalmente em questões temporais: “A modernidade, o tempo, as condições mutáveis, o progresso da vida humana estão aprovadas por Cristo explicitamente como essenciais. Entretanto, a autoridade eclesiástica de hoje, na primeira metade do século XIX, não entende o tempo atual. Por isso, está influenciando a sociedade, de maneira desajeitada e ineficaz! Portanto, o dever de cada bom cristão, consciente, na sua vida, consciente na sua vida das eternas e imutáveis obrigações, é lembrar-se também da temporariedade, isto é, do aspecto temporal dos negócios da Igreja. O espírito atual da emancipação política, quer dizer da libertação das nações, da globalização, isto é, divulgação da educação pela, imprensa, da riqueza pela tecnologia, dos contatos e conhecimentos recíprocos pela facilidade de comunicação, etc. Quanto deve modificar o antigo modo de viver, a passada e passageira norma eclesial e religiosa? Se ainda hoje existem vários preconceitos em relação ao catolicismo, por falta de cultura religiosa, não se deve primeiramente dissipar tais credices, através dos adequados meios e métodos de influenciar? E não abster-se; antes de tudo, obstinar-se pelas antigas palavras e formas da Igreja. Por outro lado, é preciso evitar o livre arbítrio e os exageros em busca da renovação, da modernização. Nesta questão, é indispensável estudar profundamente sobre a essência das importantes reformas, na história da Igreja, as quais devem servir como modelos. A questão importante seria definir as necessárias e

principais mudanças na organização da Igreja – mudanças nos costumes, comportamentos cristãos, a serem introduzidos. Como foram realizadas as profundas reformas, antigamente? Como os reformadores, santos reformadores, exerciam influência sobre a comunidade cristã e suscitavam nela o espírito de renascimento? Por exemplo, Gregório VII” (344).

A reforma da Igreja e a renovação religiosa hão de acontecer primeiramente a partir da “introdução dos regulamentos e conselhos do Evangelho, com todo o rigor, e na totalidade da prática e nos costumes”. (345)

E. Os Serviços Nacionais devem dirigir-se para batizar a política paganzada: “Haverá sempre políticas diferentes das diversas nações, pois os interesses delas são variados. A política, que se ocupa com a realização dos objetivos temporais, há de ser, antes de tudo, passageira, local, nacional. O seu fundamento deve ser o fato concreto – a história. No plano da Providência, a política pretende transformar-se de nacional em cosmopolita, graças ao desenvolvimento das relações internas e externas, que determinam a vida das nações. A nação que perde a sua história e o seu patriotismo não consegue manter a política própria porque deixa de existir como povo. As políticas nacionais se unem pela moralidade religiosa. Entre nós, a religião é a nossa felicidade; não temos filosofia nacional, não há cosmopolitismo, mas o patriotismo.

Infelizmente, os reflexos de bondade de uma e de outra por muitos não tem sido aceitos”. (346)

“Não existe política e nação sem união, e não existe união sem religião. Por isso, se deve falar muito de religião, como único princípio, única força e raiz da existência, da vida e do progresso da sociedade humana”. (347)

Por isso, “não ingressamos em nenhum partido político... e aconselhamos o mesmo a todos os que estão se aproximando de nós, pois esses partidos estão cheios de ódio mútuo, dispostos a guerrear, para se exterminar reciprocamente. Não se baseiam com seus programas e normas fundamentais nas regras

do Evangelho, mas em várias invenções da sabedoria humana, que o espírito do nosso século está adorando – princípios constitucionais, nos quais tudo está sábia e aparentemente bem calculado, mas não está aprovada uma única Verdade – Cristo e a Sua Igreja. Isto acontece nas diferentes reuniões, nas tradicionais resoluções dos parlamentares revolucionários, que, para os adeptos inconscientes, ocasiona o falso começo e fim funesto, diabólico, que destruíram a unidade original do Cristianismo”. (348)

O erro fundamental de todos os partidos e das associações é que “o interesse da Pátria tenha sido incorporado como princípio de cada partido”. (349)

Por isso continuam sendo causa dos conflitos e ódios, na nação. “Não estamos, porém, contra eles, somente vamos trabalhar contra os princípios antirreligiosos e anticatólicos. Aliás, a diferença de opiniões não nos desencoraja; ao contrário, nos inspira a procurarmos aproximação entre as pessoas e a orientar todos para a unidade da política nacional, construída na base católica. O nosso serviço à religião é serviço à questão nacional, para cada verdadeiro e honesto patriota de qualquer opinião ou partido. E mais, as opiniões e acusações alheias não devem ser levadas em conta. Façamos tudo para realizar com dedicação, por todos os meios e esforços, o que é o mais correto e principal”. (350)

“C o m e ç a r, provando enfaticamente a superioridade da religião:

- A Verdade é questão de salvação, de eternidade.
- A maneira de estar de acordo com Deus.
- Todos os acontecimentos temporais, definitivamente dependem de Deus e não somente dos esforços humanos, como estamos pensando.
- Na transformação da política, da civilização e da opinião pública europeia, é necessário conservar

o caráter religioso, católico para o futuro. Aqui, temos missão muito grande.

- Nossa causa exige de uma peculiar graça de Deus e de submissão total dos seus defensores, de uma purificação religiosa. Para nós, somente a religião pode servir como laço e garantia mútua.
- Quem tem cometido erros entre nós, há de confessá-los publicamente, com indispensável humildade... O ser humano de hoje traz todo o passado, um séquito. Por que os autossuficientes são pouco religiosos? Isto não pode atrair a bênção de Deus. Daí, a necessidade de penitência especial, reabilitação e submissão a Deus. Por isso, parece ser salutar a ideia de indulgência plenária nacional, de reabilitação.
- Patentear sua entrega, humilhação, vontade de elevar ao poder somente os que Deus parece indicar, mas para o bem comum”. (351)

“Defesa da Verdade Eterna: abrir o processo; citação de partidos e seus líderes, diante do tribunal da Verdade. Assembleia para audiência e diante da Nação, prestar contas”. (352)

“Ao classificar os adversários, por misericórdia, deixar de lado os velhos liberais, os mais retardados, os cheios de preconceitos. Tudo entre eles assentado no egoísmo. Cultivam as piores ideias sobre o ser humano, não acreditam em nada que seja nobre, incapazes de acreditar: nenhuma fê, pessoas más. Eis três princípios da sua doutrina. Uma parte dos velhos democratas acredita na justiça sinceramente e na inverdade; são céticos . São ateístas na vida, na prática. Há também supostos cristãos: individualistas, deístas, anabatistas – entre eles, a religião serve como instrumento, domina como princípio protestante. Em discussão, no apostolado é indispensável a regra seguinte: que cada um pode converter-se. Portanto, não estamos contra as pessoas, mas contra o mal que existe nelas. Na vida, na nossa organização haverá, como fundamento, confiar na pessoa. A

primeira regra da nossa organização: não pertencer a outras políticas ou aos agrupamentos opostos”. (353)

Aos democratas é preciso provar que:

- “Na política, deve-se levar em consideração não só aquilo que pode parecer o melhor, mas o que é possível e lutar por isso. O governo deve saber o que e como deve ser feito; porém, assumir somente algumas coisas, de acordo com a índole da nação, que deve ser aceito tal qual é – com o bem e com o mal. As nações não mudam seus preconceitos e vícios pelas proclamações, mesmo as mais persuasivas, principalmente quando tais proclamações estão preparadas somente em nome dos indivíduos, os quais nem têm a autoridade reconhecida.
- As inspirações devem ser procuradas não nas tradições de clube nem na primeira Revolução Francesa.
- Hoje, entre nós, não se trata de manter certo movimento externo, mas, antes de tudo, de movimento interno, nas ideias, na vida moral – movimento organizado, social, que não pode ser outro que não seja religioso.
- Todas as questões políticas, sociais e filosóficas atualmente estão tão arrebatadas, totalmente arruinadas, que é indispensável começar a partir dos fundamentos na opinião pública e guardá-los na cabeça. E tal fundamento há de ser religioso. Caso contrário, estamos deixando de procurar a verdade e a justiça, e queremos exclusivamente triunfo próprio, continuamos egoístas, não obstante da nossa intenção.
- Até os atuais democratas deveriam mudar o nome de Sociedade Democrática, pois tal palavra é incompreensível para o povo e construída nas tradições negativas, não na mentalidade da nação católica. Obstinação ferozmente pelo mal podem

ainda, por muito tempo, alimentar o seu egoísmo e, como oposição, fazer tanto para inviabilizar o trabalho dos outros. Uma só pessoa pode queimar e destruir o que foi construído por milhares.

- Nós estamos totalmente independentes, contra tudo o que foi publicado, particularmente, na imprensa democrática, sobre nós. Continuamos sem qualquer aliança que pudesse nos comprometer: e, ainda mais, suspeitos pelos aristocratas de sermos democratas e, por isso, infelizmente odiados por todos, apesar do gentil silêncio.
- A verdade é que estamos dialogando com os aristocratas e nos encontrando com Vocês. A eles, na medida do possível, estamos argumentando que estão no mau caminho; mas com Vocês, estamos fazendo isto com caridade, em paz, com prudência. É porque a nossa obra é obra de Cristo, na unidade eterna, por Cristo Senhor.
- Somos pessoas sem ter a ânsia de chegar ao poder, mas com o amor do mesmo espírito. Vamos ceder o poder a cada um que queira concordar conosco no espírito, prudente e moderadamente, com peso e medida.
- "Prontos estamos para ajuntarmo-nos com Vocês, se quiserem sinceramente unir-se com a Igreja e submeter-se a Cristo" (354). Em questões sociais, temos fins comuns.

“Procurar a unidade da nação, pela renúncia daquilo que constitui a vida social, que, na verdade, pode aconselhar-lhe suicídio. Vários séculos de igual formação moral, longa evolução das mesmas ideias sobre a origem e o fim do homem tem trazido os povos cristãos a tal situação que a união amigável, quer dizer social, veio a ser lei da existência, e o cuidado pelas necessidades e tendências gerais é condição de vida de cada nação. O cristianismo todo, hoje, está passando por

uma nova ordem social, na qual, antes de tudo, deve ser corrigida a norma política do sistema social. Ai do povo que não consegue entendê-lo, que não adapta seus órgãos à vida, na nova atmosfera social que está se formando! Os geólogos de política dos séculos próximos poderão descrever o esqueleto da sua nacionalidade como única herança da vida que era incapaz de desenvolver o organismo comum da Humanidade”. (355)

Estamos escrevendo aqui sobre a Democracia, como algo vivo, como busca de tal ordem social, na qual o bem-estar do povo – moral, intelectual e material – será a finalidade de todas as instituições; na qual a escravidão, em todas as manifestações, desapareça para sempre; na qual o povo livremente possa decidir sobre as causas públicas. Estamos convencidos de que a implantação de tal ordem social tem sido objetivo e resultado final dos atuais trabalhos e esforços da Humanidade. Alcançá-lo para a nossa Pátria, de toda a alma e de todas as forças, queremos acelerar e garantir. Como nem todo governo é bom governo, nem cada doutrina é doutrina boa – mesmo que queiram parecer assim, nem cada sistema chamado democrático conduz o povo à melhor ordem social e consegue ser democrático de verdade. Não consegue obter tal certeza se não entende, não considera os fins sociais de acordo com os meios pelos quais se evidenciaram, na história e no pensamento humano; se escolhe meios cuja falsidade, experiência e razão já têm sentenciado. A doutrina, se é realmente democrática, depende não do título que adere, mas dos sentimentos e conceitos, os quais não são totalmente arbitrários”. (356)

“A ordem social verdadeira hoje não existe; somente embrional, como ensejo geral e aspiração. As velhas instituições, sustentadas pela lei do mais forte, ainda estão sujando a terra europeia, à força, pesando sobre os povos; entretanto, nesta terra elas não têm mais raiz alguma, pois, os povos, no coração e na mente, já têm outra ordem social. Estamos vivendo o momento da entrada no mundo da ordem fundamentada na geral liberdade e justiça, há muito tempo gerada no fundo da consciência dos povos cristãos”. (357)

A estas causas estão intimamente associadas “questões de desarmamento e da paz duradoura: a civilização consiste em que a justiça seja praticada não só entre os indivíduos, mas entre as sociedades, entre os governos...por isso, há de se implantar no lugar de vingança o juízo dos tribunais. Deveria existir, então, um tribunal das causas públicas e das ocultas – um tribunal das almas. Em vez das guerras com armas deve haver o processo pela justiça. Para tal, primeiro, é preciso elevar o máximo possível a importância e autoridade da Sé Apostólica, unificar as nações cristãs e seu exército voltar somente contra as não cristãs. No entanto, para unificar, para terminar com as guerras entre as nações, a iniciativa há de ser nossa. Acabar a guerra entre os governos e as nações, outorgando para todos as leis atuais, os privilégios da hereditariedade transferível somente em certos limites; deve-se reconhecer os direitos do povo – socializando-o”. (358)

Portanto, deve haver “a emancipação efetiva das classes inferiores, para obter tal unidade”. Para esse fim, seria oportuno ter uma associação à parte, por exemplo: “irmãos da unidade, união e concórdia”. Todos estão esperando por uma guerra, guerra terrível. Talvez para tal guerra estejam instigando, ou ao menos a admitindo. Assim, a obrigação de todo o cristianismo finalmente é assumir decididamente a busca da concórdia entre os governos e a das nações, como também entre várias classes sociais. “Começar pela perfeita reconciliação com Deus, pela purificação”. Pela “Penitência e oração, pela concórdia, pela unidade”. Em seguida, “entregar todos os poderes temporais ao Vigário de Cristo” e, finalmente, ao em fim ao “tribunal eclesiástico para as causas entre as nações e acabar com as guerras entre os cristãos”. (359)

“Uma Ordem militar, em razão da finalidade: a submissão política e nacional ao Santo Padre e à Igreja Católica seria quase necessária e, ao mesmo tempo, a coordenação por uma diretoria comum de todos os programas, que poderiam contribuir para isso”. (360)

“Visto que a espada da justiça não foi tirada da comunidade católica, será que Cristo que nunca usou espada, mas condenou o uso dela, como também desprezou qualquer dominação temporal, não tem deixado para nós o exemplo da Verdade Suprema, que continua sendo o alvo da cristandade, pelo qual devemos lutar, porém, sem poder alcançá-lo, somente Cristo, como Deus?”. (361)

Por isso seria útil “uma congregação ou uma ordem militar, tendo, como capitania – a Cruz de S. Pedro - o mais alto grau da irmandade do Serviço Nacional. Uma sociedade de leigos, para que todos os assuntos temporais e seus estatutos orgânicos fossem aprovados pelo Santo Padre. A colaboração das Igrejas Particulares para com a Igreja Católica seria de modo pessoal e doações”. (362)

Daí, “recursos para as hospedarias, diplomacia, propaganda – impostos, contribuições”. (363)

“Alugar algum velho convento com igreja e terras para fundar uma colônia militar, que serviria como escola militar e agrícola, onde haveria disciplina militar, com exercícios, matemática, etc. à disposição, uma biblioteca militar. Convidar também famosos estrategistas para dar cursos, os quais, porém, durante a permanência devem morar à parte, como hóspedes”. (364)

“Para este fim, haverá fundações nas aldeias, no interior; vilas, para poder, pelo trabalho, sustentar-se; agricultura e manufaturas. Ao lado da casa ou do quartel, junto dos institutos religiosos, poder-se-ia fundar casas semelhantes. Implantar nelas a mesma organização, uni-las com as casas nas cidades, unificar tudo! Para essa finalidade seriam necessárias “hospedarias para os viajantes, retiros em certas épocas do ano, professores ambulantes para arregimentar grande número de soldados. A Santa Missa cantada. Em casa, corneta, farda, tempo sempre ocupado. No campo, pesca, caça. Construirão as casinhas nas montanhas, por enquanto uma casa com jardim.

Depois, há de se construir uma capela. Celebrações, com cantos”. (365)

Porém, tal “ordem militar será viável quando aparecerem pessoas capazes de abandonar todas as paixões e questões mundanas para entregar toda a sua vida em defesa da santa fé e da divina justiça, contra todas as violências humanas”. (366)

“Cristo e os primeiros discípulos do Senhor não estavam pensando das revoltas, guerras ou nacionalidades, nem na política, apesar de a judaica ser tão forte e importante. Os cristãos não inventaram revoltas, guerras, não eram obstinados pelas velhas nacionalidades. Hoje, porém, talvez existam outras exigências. Pode, também, acontecer o enfraquecimento da fé, depravação dos costumes” (367)

E daí o surgimento de uma exagerada irritação e hipersensibilidade dos egoísmos nacionais e sociais, de estado e de classe. Daí, a importância da nova associação e do princípio fundamental: “Não somos partido político, mas queremos orientar as mentes e corações no campo verdadeiramente religioso – o que consideramos como fundamento”. (368)

F. Batizar o Patriotismo pagão. “Pela Pátria geralmente se compreende as tradições nacionais, as glorificações pagãs das vitórias, o esplendor temporal e o poderio que excitam o orgulho nacionalista e o amor animalesco ao país e a sua raça. Os cristãos, todavia, devem procurar tradições que unam o país e a raça em unidade universal cristã pelo futuro Reino de Deus. Por isso, haja tradição piedosa, santa, de apostolado religioso, com seus santos, na propagação da Igreja cristã, no país e na raça, pela fundação de variadas instituições religiosas, pela formação dos costumes, artes e monumentos religiosos”. (369)

“Quando uns se apegam à tradição de sangue, às aspirações nos comportamentos e na sabedoria mundana, importadas, nós estamos trabalhando e tendo em vista o fato que

somos uma das famílias cristãs; somos inspirados pela ideia de unidade universal, no Cristo Senhor”. (370)

Estamos fazendo isso ainda por outro muito importante motivo, pois “a nossa questão nacional tem sido empreendimento pelo renascimento moral e religioso. Depois disso, há de vir a conjunção das forças; a organização delas será uma simples e fácil conseqüência. A religião, e somente ela consegue estabelecer a ordem social e a liberdade, garantir todos os direitos já possuídos, os interesses atuais, responder às necessidades sociais, até agora negligenciadas; o presente e o futuro. Conceder à sociedade a constância do seu fundamento e sua evolução, desenvolvimento de todas as suas potencialidade. Entretanto, é indispensável que se tenha fundamento”. (371)“Melhorar, levantar-se, conciliar os espíritos. Conquistar material, moral e intelectual superioridade tem sido condição imprescindível de restauração da independência nacional, o meio que desde hoje pode ser aplicado” (372), para o bem da Pátria escravizada.

“O Catolicismo entre nós tem sido excepcionalmente importante:

- Principalmente, porque ele mesmo é conservador para a nacionalidade, quer dizer, força que salva a nação.
- Somente ele pode motivar para novos e eficazes sacrifícios todo o povo, que é católico.
- Somente em nome do Evangelho se pode condenar egoísticas asneiras e loucuras do partido.
- Somente através do catolicismo haverá correção moral, concórdia e ordem.
- Ele nos aproxima, em espírito, das outras nações eslavas, predispostas para a liberdade.
- Determina a finalidade dos nossos esforços, em relação à maioria dos povos eslavos, que é ortodoxa”. (373)

Por isso, “a nação polonesa tem a obrigação de tornar-se pedra fundamental do novo santuário de eterna liberdade e felicidade, desde séculos preparados para todas as nações. Tal santuário será aquele, desde muitos séculos, predito rebanho de Cristo, no qual não haverá ninguém com fome, com sede, sem roupa e sem estudo; onde todos os eleitos podem gozar desta felicidade a qual nem o olho podiam ver, nem o ouvido ouvir, nem a mente humana até agora podia compreender; onde o novo céu e a nova terra abrir-se-ão diante da Humanidade; e tudo o que existe até agora passará, e o Reino de Deus, pelo qual a Humanidade está suplicando por tantos séculos, aparecerá e para sempre permanecerá entre as pessoas”. (374)

Portanto, “a questão polonesa requer uma singular graça de Deus e aos defensores dela impõe a obrigação de total entrega a Deus, de purificação religiosa. Para nós, somente a religião poderá servir de vínculo e garantia recíproca”. (375)

“Necessários seriam para os nossos alguns estudos e escritos a respeito da política em geral e nacional – para nos unirmos”. (376)

E também, “a confederação estudantil polonesa e eslava, como uma associação de pesquisa, religiosa e política. Sua revista. Álbum que seja da confederação acadêmica polonesa, Organizador – jornal religioso-patriótico da confederação acadêmica polonesa”. (377)

Para batizar o patriotismo é indispensável publicar a “História da Igreja Polonesa”, de seus santos, de famosos pregadores, divulgar o culto aos patronos nacionais, implantar a oração diária pela Pátria, especialmente Oração pela Pátria à N. Senhora da Libertação”. (378)

“Necessário é também recordar e proclamar a missão da nação”. Para universalizar e incorporar o cristianismo na Humanidade, os eslavos, hoje, hão de servir como o elo fundamental. A atuação dos germanos consistia no subjugar.

Hoje, o movimento dos eslavos deve consolidar a irmandade das demais tribos. Necessário para isto é estabilizar a paz na Europa, entronizar a indústria como também uniformizar a política para libertar os povos eslavos. Essa libertação, como símbolo encarnado, está na grande nação polonesa. A vanguarda dessa libertação está na Polônia. A questão eslava entre Polônia e Rússia é questão da Europa, do proletariado, da paz, da liberdade religiosa e da solidariedade universal entre os povos. Este é o ponto central da política interna, da futura Polônia. A política da Polônia há de ser política de todo o eslavismo, e, por ela, da Europa e do cristianismo. Por falta dessa e de uma posição enérgica, externa e geral, houve a delimitação das fronteiras polonesas. A Polônia ficou repartida. Com Napoleão, não se levantou. Pela última revolução, foi escravizada. Para ela, esta é a última advertência e causa para procurar a vitória; a sua liberdade está na libertação do eslavismo e do cristianismo subjugados. A Rússia, há tempo, que a está escravizando. Quando Pedro, o Grande, planejava a conquista do mundo, a Polônia estava vivendo para os outros; mas por si e em si mesma. Sem impor o fardo de escravidão, mas tratando da paz, garantindo a liberdade, igualdade entre os seus e outros, a Polônia pode apresentar-se na cena política como representante dos eslavos. O caráter eslavo, suas instituições, seus interesses e nacionalismos contêm, na sua união, o futuro da Europa. “Os eslavos hão de ser mediadores entre os povos livres da Europa e a mãe da sua civilização - A Igreja Católica”. (379)

“Mesmo que se admitisse a negação dos deveres políticos e das leis nacionais, em razão das finalidades do cristianismo e do interesse da Igreja – como o Papa está defendendo o seu território romano - os católicos devem defender outro território católico, sobretudo, contra os de outra fé; visto que ele estava sob a lei católica e que já está libertado, deve ser organizado especialmente para os fins cristãos. Atualmente, o cisma é mais ameaçador, perigoso, para a Igreja do que antigamente islamismo era, avança com arma na mão contra a nossa santa fé”. (380)

Portanto, “é permitido querer e trabalhar pela Insurreição, a fim de conquistar a liberdade da nação, pois Moscou tem sido uma sociedade e o governo explicitamente contra Deus. Necessário é opor-se ao seu domínio, pegar arma contra o assassino, o ladrão”. “A cruzada contra Moscou seria um esforço comum pela restauração, consolidação da unidade cristã na sociedade civil, política, industrial”. (381)

“Moscou é um inimigo interno cristão; por isso deve ser vencido pelos cristãos, como alguém que está dissolvendo a união dos cristãos, abolindo a legítima autoridade de Cristo. Portanto, isso pela espada da justiça deve ser resolvido, visto que sua guerra está voltada contra os católicos; pois não lutando contra ela será necessário guerrear ao lado dela e por ela. Lutar contra ela é simplesmente defender-se e proteger a Igreja ameaçada pela raiva dos filhos rebeldes. Deve-se resolver este assunto, ao começar pela luta contra o cisma”. (382)

“Indispensável é preparar uma serie de artigos sobre a questão polonesa; sob o ponto de vista religioso, sobre as perseguições da Rússia contra os católicos, a fim de publicá-los, depois, num folheto e distribuí-los em grande quantidade”. (383)

Também é necessária uma frequente “conversa a respeito das perseguições contra a religião, na Polônia”, (384) com os estrangeiros.

O Fundador até teve, por estes motivos, algumas “inspirações sobre uma ordem militar para defender a santa fé contra o cisma”. (385)

Muitas vezes lhe voltavam nos pensamentos “cruzada contra Moscou, dar o testemunho da verdade pelo martírio: a proclamação da verdade entre os inimigos, o projeto desde o início da nossa união, apostolado e martírio, ordem dos novos missionários”. (386)

G. Cristianização da Indústria e Luta pela Justiça Social;

“A organização moral, intelectual e material da sociedade no passado era, e no futuro, será religiosa”. (387)

Infelizmente, “a característica geral da sociedade atual é a insatisfação das necessidades intelectuais e físicas, pessoais e sociais. Daí, a inquietação, constante desejo de mudança, distúrbios, desordem, sofrimento geral. O único meio para evitar o mal total, a maneira de satisfazer e tranquilizar será viver segundo os princípios básicos – normativos e pragmáticos das sociedades, conforme o fim último do homem e da Humanidade, segundo a vontade de Deus - estabelecer os deveres religiosos como regra de vida individual e social”. (388)

Antes de tudo, “melhorar, constante e progressivamente, a sorte da mais numerosa e pobre classe social, sob cada aspecto da sua existência – quer dizer, uma tríplice melhora: moral, intelectual e material”. (389)

Entretanto, infelizmente, pode-se observar a contínua “aspiração de subir na vida, dominar, conquistar a superioridade. A sociedade inteira, voltada mais para a vida exterior, temporal, está vivendo de maneira pagã, caminhando à desigualdade!”. (390)

Sempre, “falta de união, luta de indivíduos contra a sociedade, egoísmo, sensualidade, materialismo, ceticismo, individualismo, vaidade, desespero e suicídio”, em geral, predominam. Há, também, “na verdade, grandes progressos particulares, mas, ao lado deles, miséria geral. De que maneira, depois de tantos anos, a Humanidade tem chegado a tal ponto? Qual é o futuro que esta situação pode prometer”? (391)

Este problema tem surgido justamente em consequência do desenvolvimento industrial; “a indústria, quer dizer, ação das forças do homem sobre as forças da matéria que o envolve, transformação do estado desta matéria, a fim de utilizá-la para satisfazer suas necessidades”. (392)

Infelizmente, e os homens da indústria, isto é, “os fabricantes, se dividem em duas classes – trabalhadores e capitalistas”. (393)

“Uns trabalham sem possuir, outros possuem sem trabalhar”. (394)

“Não parece correto separar a distribuição dos bens da sua produção. Quando se produzem os bens, parece que por isso também acontece distribuição, porém estão sendo produzidos os bens apossados, quer dizer, mal distribuídos”. (395)

“A produção do valor objetivo só depende do trabalho; entende-se por trabalho a relação entre o operário e a indústria, no determinado tempo e lugar; qualquer modo de aperfeiçoamento, no qual o homem está usando suas habilidades para modificar a matéria que o cerca, a fim de aproveitá-la para satisfazer suas necessidades”. (396)

Infelizmente, na economia liberal, fixou-se a distribuição de renda muito perniciosa: “A distribuição de renda depende das relações entre diferentes classes que participam dela. Tal distribuição corresponde totalmente à divisão política que cada classe tem na sociedade, à cota que possui, na organização da propriedade”. “A relação entre lucro e salário tanto depende da relação entre o capital e a população, quanto das relações sociais entre a classe trabalhadora e possuidora do capital que se mantenham as mesmas”. (397)

Infelizmente, é assim. Daí resulta o paradoxo. Pois, “se aquele que nada tem feito ganha a maior parte – é porque existe errado meio de produzir a riqueza pessoal”. Resultado disso é que “os que produziram tudo quase nada têm”. Portanto, existe o meio errado de produzir a riqueza nacional; ainda que “sempre a nação a esteja produzindo pelo trabalho, e os particulares a possuem, por algo que ainda é pior que a ociosidade”. (398)

Desta forma, “sempre se enriquece a classe de malandros e empobrece a classe dos operários. Isso está trazendo ameaça muito séria para desequilíbrio social e, em consequência, logo, há de levar à guerra aberta entre operários e proprietários”. (399)

O espírito da igualdade cristã “não desaparece, não permite de nos assassinar-mos mutuamente, logo que introduzirmos a igualdade nos costumes, na vida prática particular e pública. E esta é pois, vocação dos nossos tempos”. (400)

Mesmo que, por enquanto, “o ensinamento de Cristo esteja caindo em esquecimento, as pessoas pretendem governar-se por seu egoísmo, não se acredita no amor ao próximo, nós guardemos a intocável herança dos pais – a nossa fé religiosa. Um dia, as nações cansadas converter-se-ão a ela, e ao arrancar aos reis armas, com as quais, cometendo sacrilégio, se defendem atrás dos altares, como se fossem as últimas trincheiras, reconciliando-se com Deus e unificando suas ideias, seus esforços acabarão com a escravidão”. (401)

Por isso, “Anunciai a libertação e a felicidade aos operários oprimidos e humilhados pela ignorância e miséria. Proclamai a condenação eterna de todos os que se apropriaram do bem e suor do povo – dos pequenos e grandes opressores... Vossa fé, em total renascimento da Humanidade, seja perfeita, para que possais com essas palavras as montanhas que satanás tem criado pelo pacto social, derrubar com ímpeto irreversível e nivelar todas as desigualdades sociais. Cada um, na sociedade, vale tanto o quanto para ela está trabalhando. Cada um deve trabalhar mais do que necessita para sua subsistência, pois cada um, na sua infância, era e, na velhice, pode tornar-se, um fardo para a sociedade. Se cada um consumisse aquilo que tem produzido, logo, a Humanidade inteira, numa só geração, haveria de desaparecer; pois todas as crianças, deficientes e anciãos ou teriam de morrer em seguida ou poderia acontecer a cada egoísta adoecer ou chegar à debilidade na velhice. Cada

guloso, mesmo vivendo do seu trabalho, torna-se assassino da Humanidade! E o que será daquele que consome os frutos dos milhares ou milhões de trabalhadores, dos quais todas as boas ações da vida inteira não são suficientes nem para um dia do seu faustoso sustento”?

Não se deve ceder às sugestões das fórmulas da economia política pagã. “Os liberais e falsos amigos do povo estão dizendo: a todos seja permitido concorrer; então, todos serão felizes, mas se esquecem que estão criando a minoria armada, pelas apropriações e de vários graus de superioridades, e ao mesmo tempo a numerosa e indefesa classe condenada à eterna opressão e miséria. Os doutores das leis e os sábios de hoje sustentam, como primeiro princípio, que cada um pode usar e abusar da sua propriedade, como quiser. Tal doutrina tem sido inventada para justificar o procedimento do príncipe deste mundo, o diabo. Levantai-vos todos como um só, levantai-vos contra os grandes e pequenos príncipes deste mundo, contra todos os hipócritas que estão dando castigo maior por terem instruído alguém do que por terem decepado o pé ou a mão. Arrancai-lhes este Cristo que havia sido criado por sua ilegalidade. Levantai diante deles o Cristo revelado, com sua força e grandeza – juiz que dá recompensa para todos, segundo as obras! Não há propriedade mais santa que a pessoal e produzida com nossas habilidades e com nosso trabalho. Portanto, todos os frutos do trabalho humano pertencem à classe trabalhadora; e os indolentes vagabundos que querem apoderar-se deles, estão cometendo sacrilégio e violentando o principal direito da ordem pública. Procurai, portanto, tal ordem social, na qual não exista trapaça comercial, nem guerra industrial, nem miséria e opressão do povo. “Assim, haviam começado a viver os primeiros cristãos seguindo este princípio”. (402)

“A cristandade inteira, hoje, está em fase de passar para uma nova ordem social, na qual, antes de tudo, há de ser corrigida a base política do sistema social”. (403)

“Estamos vivendo o momento de surgimento, no mundo, dessa ordem, sustentada pela geral liberdade e justiça, geradas, há tempo, no fundo das consciências dos povos cristãos”. (404)

“Tal ordem social, na qual o real bem-estar do povo – moral, intelectual e material - fosse o fim de todas as instituições, nas quais a escravidão, em todas as formas, desaparecesse para sempre, e o povo pudesse decidir sobre as questões públicas”. (404)

Aos camponeses há de se dar “terras, ensino e a igualdade, com a nobreza”. (405)

Assim como aos trabalhadores, tornar acessível e igualitária a participação na renda nacional, “de acordo com o trabalho, capacidades e méritos”. (406)

Há de se trabalhar pela “propagação do espírito corporativista e independente, através das ordens”, e esforçar-se para que o povo “permanentemente seja protegido pelo clero”. (407)

Como acontecia nos tempos passados. ”No noviciado, nas casas centrais de formar monges-engenheiros que se espalhassem pelas paróquias, para ensinar, aconselhar, tornarem-se diretores e especialistas em diferentes assuntos, como até agora têm sido somente com diretores das consciências, e evangelizar por todo o meio industrial”. (408)

“Nada seria melhor do que trazer uma abundante chuva de invenções úteis”. (409)

“Não se pode conciliar a paz com o fato da existência do mal neste mundo”. (410)

“Se existe, nesta terra, a solidariedade do mal com o sofrimento, em consequência da corrupção da natureza humana,

a esperança e alegria cristãs devem se unir pelo amor, que reabilita a todos”. (411)

“A mais importante regra, em todos os projetos sociais: deve-se trabalhar menos sobre as estruturas e mais sobre as pessoas”. (412)

Há de se formar nelas o instinto social e senso de fraternidade; educar para a liberdade e responsabilidade, provando que, no “Reino de Deus, a liberdade superior e a felicidade de cada um dependerão somente do cumprimento da vontade do Pai Celestial, isto é, de ter feito tudo o que for o mais proveitoso para todos. Pois a felicidade de cada pessoa tem sido encarnada na felicidade da sociedade, e a felicidade de cada nação depende da felicidade de todos os povos. A maior liberdade humana não consiste em poder fazer de tudo o que me é agradável, nem em poder usar e abusar das capacidades e das coisas por nós possuídas, mas em poder realizar aquilo que proporcionará a maior felicidade geral”. (413)

Antes de tudo, é preciso admitir a regra, que “a principal obrigação do cristão é viver do próprio trabalho, realizando o exemplo de S. Paulo, palavras de s. Tiago”. (414)

17. Irmãs Religiosas e Irmãs Unidas

O Fundador havia pensado sobre uma comunidade religiosa feminina e, neste sentido, no ano de 1837, tomou a decisão de “necessariamente entrar em contato com famílias, para que a esposa trouxesse umas primas”. (415)

Elas deveriam dirigir o “apostolado entre as mulheres”. (416)

...Junto dos Irmãos. De modo especial, deveria interessar-se pela formação de pequenos grupos para a oração comunitária, leitura de livros piedosos das amigas, aprofundando a “vida espiritual, a meditação, no espírito,

preservarem-se do mundo etc. Agrupando-se para “rezarem juntas, pois nas igrejas paroquiais não existe real união no espírito, e sim o encontro muito diferenciado.” É preciso encorajá-las a “fazer parte de várias boas obras, animá-las pelo espírito de piedade interior, para expulsar a vaidade, mundanidade. Instrução... Proteção... Estimular para a formação das associações. Determinar certos pontos de doutrina e prática, além da meditação e da fé viva nos relacionamentos naturais. Viver o ano litúrgico e a regra da união. Crescer sempre em comunhão entre si e com Deus, a fim de envolver totalmente o pensamento e o coração e dominar o corpo”. E, sobretudo, para incitar a formar as associações e organizar todos os contatos e planos sociais. Nesse sentido, o Fundador queria aconselhar à senhora Hortência Thayer algumas leituras em francês e “divulgar entre suas amigas...e a mesma coisa com a senhora Monatalembert e com as outras damas”. (417)

Em pouco tempo, o Fundador, para concretizar este objetivo, tinha conquistado um grupo de eminentes senhoras da emigração: Celina Mickiewicz, Konstancja Wielogłowska, Klementyna de Tanski Hoffman, Lúcja Rautenstrauch, Karlina Mycielska, Franciszka Giedroyc, Ordezyna e Wielkrzycka. Na segunda etapa, as irmãs, mais organizadas e já vivendo em comunidade, deveriam: “abrir oficinas de costura, folhetos e Casas do Bom Pastor para as moças que estão voltando da vida errada a Deus, onde poderão viver comunitária e religiosamente; oração comum... não podem sair”... com apoio de “um padre e algum conselho tutelar”. (418)

As irmãs deveriam dirigir vários institutos beneficentes. O Fundador, nos seus planos de formar novas congregações, adotava o princípio de total igualdade dos sexos. Como exemplo disso, pode ser a ideia de uma nova comunidade – “Ordem em Honra do Mistério de Obediência de São João à Santíssima Virgem”, imitando as antigas abadessas, as quais, em alguns lugares, tiveram “jurisdição mesmo sobre as ordens masculinas”. (419)

Como fundamento desse pressuposto teológico, era a convicção que no Reino de Deus o mais importante é a santidade pessoal e união permanente com Deus, sem levar em conta a diferença dos sexos, da nacionalidade, dos ritos ou da raça.

18. Serviços Paroquiais

F i n a l i d a d e: a restauração da unidade na Cristandade – protestantismo, cisma – e da vida espiritual entre os leigos.

P r i m e i r o: os serviços paroquiais – funcionários, religiosos clérigos e leigos, celibatários e casados. Os sêniores e superiores devem viver em continência sexual.

S e g u n d o: as irmandades e corporações devem ser fundadas e dirigidas por eles; a u x i l i a r e s – não recebem juros do capital etc. Famílias espirituais. A existência material está melhorando, aceitação singular.

T e r c e i r o: associação por algumas orações, esmolas, regras de vida.

- Conversão, reforma cristã, a partir das diferentes práticas de vida cotidiana, como vícios, costumes, relacionamentos etc.
- Convivência fraterna, renunciar à individualidade, à independência ao escolher o diretor espiritual e dos bens materiais.

Os leigos associados devem, primeiro, chegar ao poder político, depois renunciar completamente a ele, ao alcançar os mais altos objetivos cristãos gerais”. (420)

Todo o trabalho de organização “começar com calma, desde um pequeno grupo de irmãos do Serviço Paroquial”. (421)

“Nos Serviços Paroquiais, organizar irmandades, para atender aos hospitais, e, ao mesmo tempo, pelas casas”. (422)

“Os Irmãos de Serviço Paroquial para todos os institutos de caridade e religiosos, penitenciais, de caridade, divulgação, instrução, industriais, que construam comunidade. Os Irmãos de Serviço Paroquial devem organizar todas as corporações. Irmãos em Grande Perigo – abrigos do Bom Pastor para as que deixam prostituição, contra suicídio e miséria.

Irmandades penitenciais – casas de penitência, oásis de recuperação, sob a proteção de vários santos, junto das igrejas paroquiais.

Irmandades dos Industriais, que formam as corporações, famílias espirituais, sob a invocação de vários santos patronos. Ateliê de ícones. Irmãos Engenheiros, que servem a várias corporações e irmandades como guias e instrutores...

Os Servos Paroquiais podem substituir os cantores pagos, manter e ensinar as crianças dos cantores. Serão divididos de acordo com as ordens menores, sem pretender os maiores, a não ser que para atender às recomendações. Com o seu trabalho e empenho pessoal, poderão fazer coletas para os batismos, enterros e casamentos gratuitos, comprar cadeiras para a igreja. Sua principal meta será alcançar a humildade e grande bondade, de modo que pudessem servir a cada pároco com total obediência e fidelidade, por amor a Deus e ao próximo, com tão grande humildade e abnegação, renuncia que, apesar de muitos desprezos, contrariedades e desaforos por parte dos paroquianos, conseguissem se manter. Mas, para estes, será imprescindível a reabilitação das ordens menores”. (423)

“A todos os Serviços Paroquiais atrelar alguma produção técnica”. (424)

19. Católicos Leigos

“Entretanto, nem todos se prestam para serem apóstolos, mártires. Portanto, trabalhando em função dos interesses

temporais, não se esqueçam nem menosprezem as obrigações e necessidades eternas. Por isso, ajudem a organizar as corporações, irmandades de cada ofício e profissão, particularmente de piedade e diligência, em que o trabalho poderá identificar-se constantemente com a oração. Na frente destas organizações devem estar irmãos totalmente a elas dedicados”. (425)

Convém sempre recordar aos católicos não associados: ”trabalhem pela perfeição plena. Os encontros, meditação e partilha sobre a vida e a Palavra de Cristo e de seus discípulos apresentar-lhes-ão muitos meios de salvação”. (426)

“Será que se pode considerar como uma categoria de bons cristãos aqueles que querem melhorar somente a sua própria existência, e a mortificação, disposição para diminuir a quantidade de suas necessidades delegam exclusivamente para o clero e para os mais perfeitos?”. (427)

“Tanto os leigos com as famílias têm vocação para a vida cristã perfeita como, até agora, a tinham procurado somente os religiosos”. (428)

Além disso, é preciso convencê-los de que “um bom católico obedece ao Papa, até nas questões não dogmáticas, mesmo que a sua opinião não lhe seja conveniente. Contra tal ordem, nada devemos fazer, até que seja revogada, ou que se obtenha uma permissão especial.” (429)

Caso contrário, “um poderia reservar tal liberdade, outro gostaria da outra, e Cristo, a Igreja, ficariam dilacerados, destruídos. A Igreja tem definido quais sejam as questões da lei universal e ela decide a respeito disso. Os fiéis devem submeter-se, com rigor, a esta decisão”. (430)

Os católicos leigos devem “desenvolver todas as doutrinas políticas, sociais, administrativas” e caminhar para formar “um partido nosso católico”. (431)

“Desejar chegar a governar definitivamente”. (432)

“E tomar cuidado para que, sob o pretexto da própria indignidade, não se esconda orgulho, e não se venha a desdenhar, por todos os lugares, cargos, títulos, por não estar satisfatoriamente distinto”. Portanto, no início, é necessário fazer “ato de disposição a aceitar quaisquer serviços e títulos secundários, inferiores”. Tais serviços e títulos podem-se também arrumar com os ateus, mas procurar com eles não seria correto, onde o Evangelho for sujeito ao plebiscito. (433)

Recordar sempre que, “se o mundo não se deve tornar um inferno ou uma selva dos tártaros, há de ser dirigido pela dedicação e talento... Não se mete para comandar alguém todo aberto para o bem da sociedade e, todavia, assume outro interesseiro e egoísta, buscando o seu próprio bem”. (434)

“O governo deve ser assim: ao aceitar certas obrigações, adotar um sistema que possa ser, ao menos, reconhecido pelo Papa. E, se não as estiver cumprindo, que pudesse ser deposto. Isto, do ponto de vista cristão, é legal; o governo republicano também e até mesmo o instituído pelo poder do povo”. (435)

Principalmente, portanto, há de se lembrar “os deveres dos católicos em atual época revolucionária: dar o exemplo de amor, dedicação, trabalho e estudo. Provar com atitudes como, pelo catolicismo e somente pelo catolicismo – quer dizer – pela renovação da vida, sem necessidade de usar meio revolucionários, a nossa Pátria pode ser salva. Os exemplos se multiplicam de total ineficiência dos métodos revolucionários, na defesa da nacionalidade”. (436)

Mais nobre ainda a recomendação para os leigos é: “oração perseverante e participação frequente nos santos sacramentos”. (437)

IX. QUESTÃO DA REGRA DEFINITIVA E DE VESTIMENTAS

1. “Organizar-se é necessário na medida do possível, sem perder a esperança... não ter pressa para tomar alguma posição e organizar-se definitivamente, até que estejamos preparados. Apressar-se, entretanto, em aperfeiçoamento. O princípio fundamental é de preparar-se com persistência e confiança em Deus, sem impacientar-se com desejo de formalizar cabalmente nossa organização. Permanecer unidos, crescer espiritualmente, exercitar-se em total entrega a Deus, preparar-se para servir a Deus, na terra natal e na emigração; aliás, primeiro, na emigração. Não assumir muitos compromissos juntos, pois as inspirações podem ser anotadas”. (438)

“Existe já uma regra provisória, e até o projeto do código penal”. (439)

“Quanto ao futuro, é bom possuir assuntos já definidos”. (440)

Prontos para finalizar, quando a questão amadurecer. “Ainda estamos despreparados para pensar em requerer aprovação”. (441)

Mas, enquanto isso, “somente o amor é suficiente para formar as associações e organizar todas as relações e atividades... e somente o amor”. (442)

2. O Fundador dizia frequentemente que “as ideias de organizar novas comunidades apresentavam diante dos olhos várias vestimentas”... Por exemplo, uma vez, imaginou “ao padre Badiche perguntar a respeito da dispensa para um, mesmo casado, poder usar hábito”. (443)

Tradução: Pe. João Solak CR
Correção final. Sra. Neumar

ÍNDICE

- 2 NAÇÃO-MÃE E NAÇÃO-IDÉIA
- 13 SOB O ESTANDARTE DO RESSUSCITADO
Introdução
- 15 I. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS
Fins e espírito de uma nova comunidade católica
- 22 II. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO
APOSTOLADO
30. III. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE
SANTIFICAÇÃO
- 35 IV. ESPÍRITO DE RECOLHIMENTO,
ORAÇÃO, TRABALHO E
CARIDADE FRATERNA
- 36 V. PEQUENA REGRA DA IRMANDADE E
MÚTUA CARIDADE
- 38 VI. RECOMENDAÇÕES PARTICULARES
- 39 1. Ordem da Casa
- 40 2. Empenho pela santidade
- 40 3. Conduta na igreja
- 42 4. Comportamento na Casa
- 42 5. Assiduidade
- 43 6. Exercícios espirituais da manhã e ao meio-dia
- 43 7. À tarde
- 43 8. 169 a 172. Maneiras de como se comportar à
 mesa
- 44 9. Obrigações dominicais
- 44 10. Retiros
- 45 11. Reuniões da Casa

46	VII. VOTOS ou PROMESSAS de vários graus;
	1. “Entregar-se inteiramente à Vontade de Deus
47	2. Pobreza
48	3. Castidade
	4. Obediência e Autoridade
51	5. Atribuições do Irmão Superior
53	6. Conselhos quanto à conduta do Superior
	7. Formula das promessas.
54	VIII. VÁRIAS CLASSES DE MEMBROS E DE INSTITUIÇÕES
	1. Ordem interna
	2. Ordem externa
56	3. Serviço de ensino
59	4. Serviço bibliotecário
	5. Conferências científicas
62	6. Cristianização da Filosofia
63	7. Serviço pela escrita e imprensa
66	8. Comissão de línguas
67	9. Escola de vida interior
	10. Serviço de correspondência
	11. Organizar a assistência aos enfermos
68	12. Serviço de imprensa
	13. Serviço das artes
69	14. Escolas Técnicas
	15. Serviços Nacionais
72	16. Fins principais dos Serviços Nacionais
93	17. Irmãs Religiosas e Irmãs Unidas
95	18. Serviços paroquiais
96	19. Católicos Leigos
99	IX. QUESTÃO DA REGRA DEFINITIVA E DE VESTIMENTAS.